

ASSIGNATURAS  
 ANNO ..... 20\$000  
 SEMESTRE ..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO

E

OFFICINAS

RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Esteve em fóco, nas regiões politicas, o caso da Bahia, a divisão do Estado em districtos eleitoraes.

Antes de tudo, resalta uma observação: a divisão dos districtos foi feita pelos governadores, exceptuada a do Districto Federal, que safu promptinha da secretaria do Interior, e a de S. Paulo, que teve a honra de ser retocada pelo sr. presidente da Republica, para reforçar a sua benefica influencia no districto que é para s. ex. uma especie de feudo. Os governadores, inspirados pelo interesse de manterem perfectas, infalliveis, as suas machinas de fabricar deputados, não attenderam á geographia, á continuidade de territorio e integridade dos municipios, que a ultima lei eleitoral mandou respeitar; mas o governo só encontrou esse defeito na divisão da Bahia, a qual, com o seu pittoresco aspecto de *rosa dos ventos*, é incomparavelmente melhor que a do Districto Federal e está a perder de vista, em ruindade, a do Ceará, que é um monstruoso absurdo, como tudo o que sáe, não diremos do cerebro, mas do esperto velho Accioly.

Porque mereceu a divisão da Bahia a honra de assanhar o teiró do governo? Porque essa tolerancia cega para todos os violadores da lei e essa má vontade implacavel para um?

Porque se fez questão aberta da divisão do Districto Federal e fechou-se a questão para a Bahia?

O caso da Bahia era um caso pessoal entre um dos ministros e o governador, e o governo da União fez-se solidario com o ministro, collocando a votação da emenda do sr. Leovigildo Filgueiras no terreno da confiança partidaria. E como a confiança do governo é uma especie de graça de Deus, que abre as portas á bemaventurança, não causou admiração a ninguem a victoria estrondosa obtida pelo nosso amigo J. J.

Seabra, que conseguiu, afinal, formar o nucleo de dissidencia, para o qual, havia muito, empenhava todos os seus esforços, porque, justiça se lhe faça, s. ex. não entende parlamento sem opposição; é inimigo das unanimidades esmagadoras, que desaggregam, dissolvem e conspurcam, sob um disfarce de dictadura, o governo democratico.

Essa dissidencia, que o ardego ministro provocou e levou a effeito, cobrindo-se dos loiros da primeira batalha campal ferida neste periodo presidencial, é apenas de quarenta; mas crescerá, engrossará, servirá de nucleo á crystallisação dos elementos em suspensão no agitado elemento politico; será amanhã de sessenta; mais tarde, perfará a metade do pessoal que frequenta as sessões e, quando pouco prejudicial se torne, será um elemento de obstrucção ao muito que o governo tinha intenção de fazer em beneficio do Paiz.

Não tardará vermos o honrado presidente da Republica apertado, de calças na mão, a procurar o seu logar, sem encontrar allivio para as consequencias dessa imprudencia, desse drastico, que o sr. Seabra applicou á Camara, para lhe desvendar as entranhas veladas pela hypocrisia, pela cobardia ou pela manha dos homens de duas vélas, de quatro opiniões ou de outras tantas caras, mudaveis conforme a oportunidade.

Não se pôde afirmar, por ora, quem lucrou com essa batalha, que destrouçou as esperanças ingenuas na fiel execução da ultima lei eleitoral. Ella terá, como consequencia immediata, uma reacção sem tregua nos Estados infieis, como demonstra a extraordinaria actividade da officina de coroneis da Guarda Nacional e de supplentes dos juizes federaes; terá, como consequencia remota, o terceiro escrutinio, em que serão desapiedadamente degolados os candidatos dos governadores rebeldes. Da Bahia, não vingará um

gato que traga diploma do sr. José Marcellino. E assim será, com muita antecedencia, desfeita a miragem das minorias, dessa promessa constitucional que tem sido, e será, vergonhosamente burlada pelos governos, em cujos programmas ella tem figurado sempre como idéa capital, reduzida a um sovado florão ornamental, a uma flôr de torpe rethorica.

Não nos dão as mãos de applaudir o intemerato ministro que nos dotou com esse principio de dissidencia, que será como um páu fucado numa restinga d'aguas mortas: estará, em pouco tempo, cheio de adhesões, que proliferarão como crustaceos.

\* \* \*

Occorre, porém, a consideração de um dia depois do outro, para resolver o problema das candidaturas presidenciaes, ainda não posto, definitivamente, em equação.

A victoria de hontem não o resolve, antes, o complica, porque é da natureza humana tirar desforras e, conforme a phrase popular, o répto lançado pelo Kuroki do Barro Vermelho ao governador da Bahia, não cairá no chão; o adversario, da tempera dos tabaréos teimosos e vingativos, procurará com certeza obter desforra estrondosa, a menos que elle não seja a mais inepta das creaturas a que Deus misericordioso permite a delicia do equilibrio sobre os dois pés.

Minas se mantém irreductivel em torno do nome do sr. Affonso Penna; as hostes gaúchas formaram brilhantemente ao lado do chefe, o senador Pinheiro Machado, disposto á lucta em todos os terrenos; Pernambuco ainda espera o santo e a senha do chefe Rosa e Silva; Maranhão... em fim Maranhão está ainda retraído.

A batalha ganha nada significa para o resultado da outra e mais importante, porque a significação da votação victoriosa não exprime solidariedade absoluta com o governo, de

sorte que o aspecto das forças em preparo para o pleito presidencial, permanece confuso, exposto ás surpresas, ás colligações, ás alianças que pôdem surgir de repente, frustrando, pela terrível imposição do numero, a tactica do Oyama de Guaratinguetá, apezar da sua Guarda Nacional, incontavel como as estrellas do céu e as areias do mar, apezar dos supplentes dos juizes sectionaes, que estão grelando como cogumelos nos canteiros onde florescem as folhas de loiro do sr. Seabra.

Quem surgirá para resolver o problema? Não é preciso ser um observador extraordinario para divisar entre as incertas brumas do futuro proximo, essa missão confiada ao sr. José Marcellino.

Isto que parece, á primeira vista, absurdo; isso que se antolha impossivel á impressão da celebrada victoria de hontem, será, talvez, a realidade d'amaulã, amarga para o ministro vencedor e para os abnegados bahianos que se precipitaram, com elle, nesse temerario salto na escuridão.

E fique consignado que nós, com o nosso direito de chronista velho e, usando da attribuição de vaticinar o futuro, que se descortina nitido aos nossos olhos, asseguramos que o nosso amigo Seabra não se lamberá com os despojos da victoria. O seu intransigente adversario não hesitará ante os mais duros sacrificios, para lhe quebrar a castanha na bocca.

O velho tabaréo bahiano sabe que, para o sr. presidente da Republica, a candidatura do honrado sr. Bernardino de Campos não é sómente um empenho: passou para a ordem das obsessões inexoraveis, e, certamente, explorará, com habilidade, essa circumstancia, mettendo-se, com os seus cem mil votos, entre o presidente e o ministro.

Ruy Barbosa será immolado para que a Bahia não fique isolada; a sua candidatura ficará com raizes profundas no coração dos bahianos, mas não lhes conquistará os votos: será uma candidatura sentimental muito honrosa para o Estado, para o Brazil inteiro, mas ficará como um motivo de primor do inspirado éstro da mulata velha, celebrando a genial mentalidade do filho adorado.

Transportada a questão para esse terreno, ninguem duvidará que, entre cem mil votos e o seu amigo Sea-

bra, o coração do sr. Rodrigues Alves, por uma gravitação da grande massa, e porque a politica não tem entranhas, se precipite nos braços do sr. José Marcellino e lhe dê, como bóde expiatorio, o ministro do Interior e mais o ministro da Guerra por lambugem e mais os miúdos tripolantes da respectiva canôa.

E veremos, então, o illustre vencedor de hoje, «braços cruzados sobre o largo peito, qual naufrago escapado do tormenta», e os olhos mais ou menos melados, repetir, quasi num choro de expiação, o verso dos *Chatiments*:

... *On était vaincu par sa conquête.*

POJUCAN.



Váe, em seguida, a conclusão do realmente notavel artigo do dr. Regnault, que no numero 39 dos *Annaes* começámos a publicar, traduzido da *Revue*, de Pariz.

#### ASSASSINATO MEDICO OU SUPREMA CARIDADE?

##### IV

Supponhamos que o doente seja incuravel, mas o ignore. Si o soffrimento augmentar, será licito eliminar o desgraçado sem consultal-o? Muitos considerariam essa eliminação crime e traição; alguns pensam, entretanto, que, em tal situação, desejariam que outrem lhes proporcionasse morte rapida sem prevenir. E' possível que se multipliquem os que assim pensam e que, no futuro, se considere acto licito aquillo que hoje se considera traição, crime. Não se mudará a moral, seuão o modo de pensar dos individuos.

Essa solução não se daria si os espiritas, os occultistas conseguissem demonstrar que a força psychica, manifestada pela telepathia e os phantasmas dos vivos, subsiste depois da morte e se revela, realmente, pelos phantasmas dos mortos, e que essa força soffre grandes perturbações nos casos de morte subita ou prematura, voluntaria ou não, como se admite nas tradições religiosas, magicas, esotericas, da maior parte dos povos.

Excepção feita dos scetarios que attribuem á dôr o merito da expiação, é forçoso admittir que, em todos os casos analysados, é preciso suavisar os ultimos momentos do incuravel, calmando-lhe as dôres por meio de medicamentos efficazes, verdadeiros toxicos, ainda mesmo que o emprego delles pudesse, de algum modo, abreviar a vida do doente. E' tambem evidente que, em taes casos, se pôdem

empregar, com o consentimento do paciente, todas as medicações por mais perigosas que sejam, sempre que se espera dellas algum resultado ou se possa tirar um conhecimento scientifico util.

O incuravel que se presta, espontaneamente, a investigações scientificas, presta um ultimo serviço á sociedade, á humanidade.

Até agóra, examinámos os differentes casos em que se pôde encontrar o incuravel, sem attender aos interesses da familia, da sociedade e da raça, interesses ponderaveis uma vez que o homem nunca vive isolado.

O individuo que pôde ser util á sociedade, á familia, não tem o direito de privar os seus parentes, os seus concidadãos das vantagens que elle lhes pôde proporcionar. Não lhes deve occasionar, pela morte voluntaria, um prejuizo que não desejaria lhe fôsse causado por outrem. Pelo facto da educação, contraíu para com elles uma dívida, que deve pagar. A vida desse doente deve ser prolongada o mais possível, calmado-se os seus soffrimentos.

Aquelle, porém, que é iutil, que está a cargo da familia e da sociedade, poderia, libertado de considerações religiosas, procurar o termo de seus soffrimentos na morte voluntaria.

Os incuraveis a cargo da familia e da sociedade, prejudiciaes pelo contagio da molestia, não deverão ser embaraçados quando procurem o suicidio; pôdem considerar bôa acção desembaraçar, o mais cedo possível, seus parentes e concidadãos de sua presença incommoda e funesta.

##### V

Ouvimos, ha alguns annos, expostas essas idéas por uma desgraçada ataxica, incuravel, atacada de arthropathia e cegueira tabetica, immersa em perpetua noite, immobilizada no leito do hospital durante trez annos. A monotonia dessa existencia era sómente interrompida por intermitentes dôres fulgurantes, e o repouso de algumas horas era obtido por injeções de morphina. Aos internos que se succediam no serviço, aos medicos, ella repetia a supplica de lhe apressarem a morte. Ella não tinha familia, não interessava a niuguem a sua existencia; occupava, creatura inutil, no hospital, um leito que poderia servir com efficacia a outrem; não podia, ao menos, procurar o suicidio precipitando-se de uma janella.

Ninguem ousaria satisfazer o supplicio da infeliz mulher, porque, no estado actual dos costumes, incorreria na pena de homicidio voluntario, ou de homicidio por imprudencia, si lhe facilitasse os meios de procurar a morte voluntaria. Todos nós, internos e medicos, applicámo-lhes, com parci-

monia, a morfina, e chegámos a substituí-la por agna destillada. E' bem possível que amanhã sejamos considerados crueis, deshumanos, por esse procedimento hoje meritorio.

Quanto á familia ou á sociedade, ellas poderão, num futuro afastado, facilitar a taes doentes os meios de suicídio, ou utilizar os institutos do italiano Nobel. De outro modo, violariam os princípios de moral, universalmente admittidos, supprimindo os incuraveis sem o consentimento delles. Além disso, si o incuravel prestou serviços á familia e á sociedade, essa divida as obrigará a sustental-o.

Nessas condições, seria inadmissivel a combinação proposta á *New York Medical Association*: «Quando a comissão nomeada especialmente resolver a suppressão do incuravel, o paciente poderá appellar desse juizo para o consentimento da familia. Mas, si depois de novo exame, si reconhecesse todos os tratamentos impotentes e o caso decididamente incuravel, a comissão teria o direito de executar a sua sentença».

A sociedade não poderia supprimir, sem consentimento, o doente. Já é um abuso eliminar os doentes degenerados ou alienados, considerados criminosos. As sociedades são constituídas pelos individuos para os individuos e o individuo não foi creado, sómente, para a felicidade social. No que concerne aos monstros, será, talvez, possível, como previu Wells, eliminá-los ao nascerem, não só por sentimentalismo para lhes poupar uma existencia de soffrimentos, como por intuitos utilitarios, para não ficarem a cargo da sociedade, para que não contribuíam, pela reproducção, para o abastardamento da raça. Os mortos, no nascedoiro, não terão prestado serviços á sociedade, e esta nenhum compromisso terá para com elles.

Mas si a sociedade não pôde supprimir, contra a vontade, um de seus membros incuraveis, ella pôde e deve tomar precauções para proteger os seus membros contra o contagio, para não fazer despezas prejudiciaes com o fim de prolongar existencias inúteis e salvaguardar o futuro da raça.

Os meios mais praticos de suppressão dos incuraveis seria extinguir as molestias incuraveis ou, pelo menos, diminuir-lhes a existencia. Estudar as condições complexas do desenvolvimento dessas molestias, propagar noções de hygiene, de prophylaxia, de precauções efficazes, para evitar a propagação dessas molestias pelo contagio, constitúe excellentes medidas, que seriam completadas com o isolamento dos doentes.

Em certos casos, essas medidas são sufficientes. Na idade média, se suprimiu a lepra pelo isolamento dos leprosos, applicando-lhes regulamen-

tos draconianos. A' lépra substituiu a tuberculose, fazendo victimas em muito maior proporção, determinando para combatel-a a formação de ligas que empregam generosos esforços para propagar as noções de hygiene, dispendendo sommas enormes em esforços inúteis, muita vez illogicos. Em sens dispensarios, forneceram a doentes ligeiramente affectados de tuberculose e curaveis, meios de obterem a cura, mas fornecem, tambem, aos tuberculosos incuraveis, meios de prolongarem a vida de soffrimentos, durante a qual elles são um perpetuo perigo para a sua familia e para a sociedade, porque são contagiosos, disseminando bacillos por toda a parte. As ligas dispendem enormes sommas em sanatorios populares, uos quaes tratam os tuberculosos que não expectoram, que não são contagiosos e poderiam ser curados com menor despeza no seio da familia ou no campo, sendo os sanatorios destinados exclusivamente aos incuraveis.

## VI

Essas idéas começam a despontar. O dr. Helme publicou na *Revista Moderna de Medicina e Cirurgia*, um referendun sobre os sanatorios, e recebeu algumas respostas originaes de medicos bastante ouzados para dizerem alto e escreverem aquillo que muitos pensam em segredo.

O dr. Gannat propõe a substituição dos sanatorios pelas colonias de tuberculosos no campo, onde os doentes validos poderiam trabalhar ao ar livre, collocando, assim, o doente em melhores condições para a cura. Quanto aos incuraveis, a morte seria, talvez, protellada, sendo que, do ponto de vista social, a sua desaparicção seria um beneficio. A exaggerada piedade por esses infelizes está em moda, mas é forçoso conciliar-a com os interesses geraes.

O dr. Louis Gros diz que são baldados os esforços actuaes e seu resultado quasi nullo, pensando que só ha um meio efficaz: internar o tuberculoso, desde que elle tosse ou escarra, em um hospital *ad hoc*, com absoluta prohibição de saída, da mesma fórma que se internam alienados por toda a vida, incomparavelmente menos perigosos do que um tuberculoso que escarra. A lucha deve ser sem interrupção como a molestia; é uma lei marcial. A internação deve ser completa, a reclusão absoluta. As curas de tuberculosos são raras; pôdem-se contar os casos authenticos de restabelecimento. E' portanto, indispensavel, para evitar o contagio desse mal irremediavel, empregar meios inexoraveis.

O remedio para o contagio da raiva é matar os cães damnados. Não exigimos que se matem, com um tiro, todos os

tuberculosos: seria, na verdade, um meio radical de evitar o contagio, as enormes despezas que elles occasionam; mas é natural que se mate o tuberculoso do ponto de vista moral, separando-o do resto da humanidade, como um condemnado na prisão, uma vez que o tuberculoso é muito mais perigoso para a sociedade do que um assassino ou um moedeiro falso.

O sr. Florence escreveu: A lucha emprehendida pelas ligas, pelos poderes publicos, foi e será esteril. E' inevitavel porque ninguem se interessa pelos imprestaveis e pelos degenerados, cuja manutenção e despezas são um onus para a familia e um perigo para a sociedade que deseja libertar-se delles. O degenerado, depois de arruinar, succumbe, quando não leva consigo outras victimas. Perdem-se, de modo lastimavel, todos os esforços humanitarios, que poderiam ter por objecto seres nascidos em condições de robustez, os quaes, por falta de nutrição e de cuidados, se estiolam e morrem de miseria physiologica: esses devem ser os preservados da tuberculose. Não sou — diz ainda aquelle medico — partidario do sanatorio para asylar predestinados á morte, para os quaes o prolongamento da vida é um supplicio; é, entretanto, indispensavel nos previnirmos contra o contagio delles e do medo que inspiram:

1º — Sequestrar-os da sociedade em sitios afastados e longinquos;

2º — Submettel-os ao regimen ordinario da vida commum para lhes pôr á prova a resistencia;

3º — Impedir a reproducção de todos os degenerados;

4º — Applicação das antigas leis spartanas aos seres improprios para ganharem a vida;

O dr Jacob resume, com um traço ironico, as mesmas idéas: Si se considera a tuberculose um perigo nacional, esse perigo não deve ser tratado com sentimentalismo. O individuo — diz Jaurès — não deve ser preferido á collectividade. Porque não se empregam os conventos disponiveis para claustros de tuberculosos? Porque não se submettem esses doentes a uma quarentena rigorosa, ao principio, e depois a uma internação perpetua?

Porque se não destróem as suas roupas e moveis? Porque se lhes não eliminam pelo systema de Sparta, os fructos escrofulosos, degenerados, ou simplesmente predispostos? Porque se não incineram os sens cadaveres?

## VII

Seria essa, na verdade, a unica e efficaz prophylaxia social.

A grande legião dos egoistas approvaria essa opinião e os seus processos; mas que pensariam aquelles, em

grande maioria, que têm parentes desgraçados, bacillizados ?

Por menos pshychologo que se seja, responderemos que os parentes dos bacillizados pensarão que essas medidas seriam excellentes, (á parte a suppressão dos predispostos, muito iutensiva) mas não têm coragem de externar sinceramente essa opinião. A grande legião dos egoistas approvará essa solução perfeitamente logica, actualmente mais de accordo com os costumes do que a suppressão radical pela euthanasia, á qual chegam os altruistas com a sua exaggerada sensibilidade.

Si a sociedade não pôde, apesar delles, supprir os incuraveis, pôde e deve defender os seus membros sadios contra os perigos inherentes á existencia dos contagiosos pelo isolamento, contra o qual não poderão protestar, porque têm o dever de não fazer aos outros aquillo que não queriam que se lhes fizesse. O dever de se submeterem ao isolamento é penoso, mas indeclinavel. Muitos homens robustos, cuja vida é, incomparavelmente, mais preciosa que a dos incuraveis, se sacrificam, nas guerras, pela patria.

Poder-se-ia objectar que o isolamento dá a esses infelizes a noção exacta de gravidade da molestia que os opprime, destruindo-lhes toda a esperanza de cura ; mas si, abstracção feita da sociedade, um individuo pôde conservar as illusões de um incuravel, não acontece o mesmo á sociedade quando a molestia do incuravel é contagiosa: cada individuo tem o dever de proteger todos os outros contra o contagio, dever mais serio que o de manter as illusões a um doente.

As grandes despesas feitas para manter a vida dos incuraveis são prejudiciaes, porque é pouco caridoso prolongar-lhe os soffrimentos, ampliando o periodo em que a sua affecção contagiosa constitúe um perigo para a sociedade ; porque, finalmente, aquellas despesas, inuteis ou nocivas, oneram, exgottam os individuos sadios e contribuem para o enfraquecimento da raça e poderiam ser empregados, sem esforço, á creação dos seres que, nascidos fortes, se estiolam e morrem de miseria physiologica, por falta de nutrição e cuidados.

### VIII

A lucta, emprehendida nestes ultimos annos, contra o alcoolismo, a tuberculose, as habitações insalubres; o ensino popular da hygiene, a regulamentação do trabalho, dará, sem duvida, o resultado de melhorar as condições de existencia, de diminuir o numero dos monstros, das creanças rachiticas ; mas essas medidas não serão, completamente, efficaes numa sociedade onde os casamentos se fa-

zem, na grande maioria, por interesse. Dahi, a preocupação de regulamentar os casamentos, chegando-se a propor, para impedir a reproducção dos degenerados, diversos meios mais ou menos praticos, entre os quaes figura a castracção, exigir dos nubentes um attestado medico de aptidão physica, exigencia que teve a honra de figurar numa discussão official na Hespanha. Enquanto essas precauções não se incorporam em medidas legaes aos costumes, alguns paes de familia empregam um meio pratico, exigindo que os genros futuros se segurem em uma companhia de seguros de vida, submettendo-os, assim, ao exame medico essencial para o seguro.

Não é razovel que a suppressão rapida de alguns monstros, pela selecção natural ou por outros meios, diminúam o povoamento prégado, tão ardentemente, por Piot e seus emulos. Os paes procuram, cada vez mais, a abastança para si e para os seus; limitam, quanto pôdem, a procreação, á proporção dos seus recursos; em muitas familias, um filho morto é, em breve tempo, substituído; si um monstro ou um rachitico, que demanda mais cuidados e maiores despesas que um filho robusto, desaparece, será substituído por um ou muitos filhos sadios: haverá, portanto, enorme vantagem em não perturbar a selecção natural.

A questão da euthanasia depende dos costumes, como observou Guermontprez; mas os costumes se modificam perpetuamente. A suppressão suave dos monstros, dos incuraveis, foi admittida, outr'ora, por diversos povos; é quasi certo que elle volverá de novo, como previu Wells, em futuro mais ou menos remoto, e, provavelmente, em condições muito proximas áquellas que procuramos determinar, fundados no unico principio de moral universalmente acceto. Esse principio não muda, mas os homens o interpretam diversamente, conforme o povo, a epocha, a evolução do pensamento da média dos individuos. Em todo o caso, parece certo que a morte apressada e suavizada, a euthanasia, será, um dia, admittida para certos incuraveis, quando, de um lado, os utilitarios e os egoistas; do outro, os sentimentaes e os altruistas chegarem, fundados nos principios mais oppostos, ás mesmas conclusões sobre o assumpto.

Essa perspectiva poderá chocar, agóra, numerosos espiritos prezos a creanças religiosas ou que não ouzam dirigir os seus sentimentos altruistas até ás ultimas deducções; ella, porém, não está, por isso, menos aproximada, não estando longe o dia em que a euthanasia, qualificada de assassinato por Guermontprez, e punida como crime pelas leis modernas, será considerada, em certas condições,

como um acto de solidariedade, de suprema caridade. Não será, sem duvida, applicada pela maneira draconiana, proposta á *New York medical Association*, mas julgámos de interesse investigar, com imparcialidade, os limites em que será provavelmente admittida nos costumes do futuro.

DOUTOR REGNAULT.

(Conclusão.)

### A REVOLUÇÃO RUSSA

Horriavel situação de uma grandeza tragica commovedora, essa em que se debate o immenso imperio slavo, convulsionado por uma crise social, para a qual ainda não se achava preparada a quasi totalidade do povo e a cujo paroxysmo de certo não foi estranho o accentuado mysticismo da alma russa! Desde o inicio do anno corrente, o estado de sitio assumiu caracter normal em muitos pontos do territorio moscovita, e a revolta das consciencias contra a tyrannia de um monarcha assoberbado por camarilha trefega, (revolta a que desejava pôr fim) foi; aos poucos, ganhando terreno. Os focos de erupção augmentaram e, symptoma grave, hoje surgem em toda a superficie do paiz.

Na Polonia-martyr, amordaçada durante longos annos, a agitação, ao passo que se tornou permanente, assumiu proporções consideraveis, dado o velho fermento de odio do polaco contra o russo; na Finlandia e na Transcaucasia, nos dois extremos do imperio, a differença de raças, linguas e creanças, a situação deprimente do vencido em relação a um vencedor cujo mais suave processo de persuasão é o *knut* ou a *nagaika*, constituíram-se os agentes causadores de uma terrivel rebellião, afogada, na segunda dessas regiões, em ondas de sangue.

Apezar da brutalidade da repressão exigida pelo pavor, que váe n'alma dos governantes, a nação não desanima : mysticos e nihilistas, socialistas e liberaes moderados convergem os esforços para um fim unico : arrancar a Russia ao torpor morbido que possúe, obrigar a autocracia a capitular, para que a éra de luz surja para o povo russo, até hoje sepultado nas trevas de um absolutismo medieval.

Até bem pouco, a força armada parecia alheia a toda tentativa que visava diminuir o poderio do czar; passivamente cumpria as ordens vindas de cima, espingardeava os revoltosos ou dissolvia, a pata de cavallo, a multidão inoffensiva, assignalando a sua passagem com os corpos dos velhos inermes, das mulheres ou das creanças. A reacção, por fim, se deu. Regimentos recusam-se a atirar sobre o

povo; outros aggridem os seus proprios officiaes; outras corporações militares ainda vão mais longe: proclamam a revolta aberta contra a auctoridade legal.

A attitude das tripolações dos navios de Niebogatoff, por occasião do desastre de Tsu-Shima, já deixava prever o caso do *Kniaz-Potemkin*, e os acontecimentos subsequentes provaram, á saciedade, que a insurreição de Odessa era o ponto inicial de uma série de levantes militares. E, na verdade, estes não se fizeram demorar. Apenas o governo acabava de suffocar o movimento dos batalhões de infantaria de marinha em Kronstadt, quando a revolta das tropas aquarteladas em Riga veio provar que a indisciplina e a rebeldia lavram intensamente em todos os corpos do exercito russo. Como o prophetisára Rousseau para a França do seculo 18, a Russia está num periodo de crise, pródromo fatal de uma éra revolucionaria de proporções formidaveis. A grande nação slava envereda para uma situação que, em muitos pontos, lembra a da França no periodo de 1789 — 1793; a convocação dos *Zemstvos* recorda a reunião dos Estados Geraes, e as ameaças proferidas contra o antocrata, evocam para Nicolau II o terrivel paralelo do infeliz Luiz XVI. Em ambos, a mesma timidez, a continua hesitação em conceder ao povo o que elle hoje solicita, mas que amanhã exigirá; a versatilidade nas normas de proceder, promettendo concessões de caracter liberal para logo após appellar para o regimen do terror. E com o correr dos dias, mais e mais se váe dilatando o fôssco que separa o throno do paiz, o dynasta da nação.

Outro ponto ha que aproxima, apenas na apparencia, a Russia de hoje da França da Revolução: a guerra externa. Mas, em vez de combaterem os exercitos moscovitas em prol daquelle idéal de liberdade por que se sacrificavam as hostes republicanas de 92 e 93, apenas pelem contra adversario temivel pela posse do territorio estrangeiro, redundando o seu triumpho na conservação do autocratismo. O bom senso mostra ao governo do czar que a paz é inevitavel; mas o perigo da anarchia interna impelle-o para a senda fatal, para o prolongamento da guerra. E' impossivel que em S. Petersburgo não se reconheça a iusensatez da promessa de uma victoria com que os illude o velho Linievitch, o heroico e invicto defensor de Putilof, Baniaputsê e Erdago; e, no emtanto, o destino da autocracia exige que as hostilidades continuem e que os infelizes vencidos da Mandchuria permanecem nesta longinqua região, porque o seu regresso será o signal da revolução niveladora, a morte do absolutismo.

O dilemma para o imperador resume-se em resistir ao povo, isto é, expôr-se á morte, ou ceder ás suas imposições; por outras palavras, abdicar. E' esta a situação a que levaram a Russia a ignorancia, o fanatismo e a tyrannia.

Debalde, procura o soberano adiar a solução da crise que assoberba as instituições; o dilatar o prazo da explosão importa aqui em augmentar-lhe a intensidade. Uma politica sincera e habil talvez pudesse, na opinião de alguns, com a adopção de medidas liberais e lealmente cumpridas, conter ou retardar, pelo menos, a marcha da revolução transformando um paiz de governo despotico em uma monarchia constitucional.

Mas não será tarde? Possuirá a nação russa elementos que consigam deter a torrente? Parece-nos que, por maior que seja o esforço empregado, não logrará o czar restituir á sua patria uma tranquillidade por tantos motivos preciosa, esgottando-se, por fim, numa lucta ingloria para conservar um throno que, com certeza, lhe custará a vida.

GASTÃO RUCH.

### MAZEPPA, GIAUR, PARISINA

*Poemetos de lord Byron, vertidos para versos portuguezes pelo barão de Paranapiacaba.*

#### III

O sr. barão de Paranapiacaba evidentemente não é um joven que, fascinado pelo deslumbramento da gloria, tudo arrisca para ter accésso ao concilio das summidades litterarias. A consciencia da superioridade é como que inherente aos grandes talentos; sabe, pois, o illustre traductor de *Mazeppa* quanto vale. E' por isso que o nobre barão apparece na magestosa attitude de magno pontifice, e todos lh'a reconhecemos e acatamos. Não é, dest'arte, um principiante, que, avido de nomeada, emprehenda vôos icareos; pelo contrario, possui *longo saber de experiencias feito*; impõe-se aos nossos respeitos, qual varão, em cuja frente refulge a dupla corôa do talento e da velhice. Já o sangue não se lhe aquece ao fulminante luzir de olhos negros, nem lhe ferve nas emoções que delicias.

As seducções do ruido da fama já para elle não téem magia; caíram, como folhas emmurchecidas, sob as escarchas do inverno, elevadas de roldão, aqui e acolá. As florentes esperanças dos annos juvenis tambem lá se fôram envoltas em carinhosas ou em afflictivas reminiscencias. Com as tristezas da idade, tombam desfeitos os sonhos de ventura... Emfim, emmu-

decaram as paixões impetuosas, que revolvem e queimam o coração do artista, ou do poeta, que, a furto, lança longinquo e ancioso olhar á sombra da mulher, desenhando-se, tremula e indecisa, sobre a parede do aposento, ao clarão da alampada nocturna... Ai! pobre poeta! nos dias da juventude essa sombra não passaria como um sonho!...

O traductor de Byron é um nome feito, e a sua obra a resultante dum labor consciente e aturado da meditação, que fecunda; da critica, que apura e aperfeiçoa. O cantor brasileiro pôde, seguro de sua reconhecida superioridade, fixar no futuro sereno olhar; a sua fama de litterato permanecerá, passando a novas gerações. O nome, que tanto honra as nossas lettras, perdurará vinculado ao de Jocelyn, ao de Lafontaine, ao de Plauto, de *Mazeppa*, *Giaur* e *Parisina*, emquanto, na linguagem portugueza, houver cultores do passado.

Satisfeito da admiração que lhe tributam os contemporaneos, colmado das palmas de triumpho e de tudo que almeja a elevada ambição das creaturas privilegiadas, o sr. barão de Paranapiacaba, desde os nossos dias, é reputado um dos espiritos que illustram o Paiz. Pouco importa que viva numa sociedade indifferente aos idéas da arte, da poesia, da litteratura, dos grandes pensamentos... até das verdadeiras crenças politicas. Nesse meio social, que tudo ineptamente desdenha, que escarnece das occupações mentaes, atarefado com os interesses materiaes, que condizem principalmente com as paixões tacanhas e, ás vezes, torpes do egoismo — o illustre traductor de Byron não desacoroçoa e, sempre activo, concorre para incrementar o patrimonio intellectual do Paiz, porque comprehende que as cogitações dos pensadores representam avultada parte das riquezas sociaes; testificam tambem a lucta pela vida, de masiadamente rude e dolorosa. A sociedade não vive só de pão; é impossivel que exista sem o pensamento; numa palavra: sem a idéa, que a organisa, sustenta, avigora e conserva; sem a idéa, que é o raio do sol, que esclarece, anima e vivifica o muudo moral como o physico.

Em verdade, um exame dos trabalhos intellectuaes verifica que bem poucos litteratos se pôdem comparar com o traductor de Byron. O poeta, deixando de lado a lyra classica, o alaúde romantico, é um espirito pratico e versado nas sciencias e nos negocios da administração publica. A fecunda actividade de sua intelligencia é incontestavel; manifesta-se nutrida de estudos scientificos e litterarios; brilhante na poesia por dons raros e peregrinos. Nas controversias, o traductor de Byron e de Lamartine provou

ser argumentador de robusta dialectica e possuir a concisão e vigor de controversista amestrado, quer discutisse assumptos financeiros e de colonisação, quer os de litteratura ou d'arte. Assim, o interprete dos pavorosos lamentos de *Giaur* ou das ardorosas volupias de *Parisina*, não é um simples artista, ou poeta — éstro errante ua vastidão das phantasias d'alma.

Notabilisam-se nelle, tambem, o pensador, o administrador, versado nas soluções dos problemas economicos e financeiros, o orador politico, que, outr'ora, conquistou applausos na tribuna parlamentar.

A geração que não o conhece, vendo-o transitar pela rua do Ouvidor, não murmure — *nomini umbra!*...

Ao contrario, considere-o no viço de perpetua primavera, opulenta e florida. Vêde no frescor, na florescencia das primorosas e recentes versões de *Parisina*, ou *Giaur*. Sem as frivolezas, que as mediocridades sóem ostentar, mesmo sem o legitimo orgulho do talento superior, que se sente na consciencia da propria força, o traductor de lord Byron é desprezencioso, lhano e sobresáe pela polidez da cortezia e benevolencia do trato. Por essas gentilezas, differença-se do feróz e intratavel lord, que fazia praça de soberba, de vicios, até de torpezas, nas orgias. Como, com estas discordancias de character, tantas affinidades intellectuaes ligam, identificando, as duas almas, irmanando os dois poetas — o inglez e o brasileiro?!

O lord passou a vida, ostentando ruidosas imposturas, segundo o testemunho competente e insuspeito dum observador, seu compatriota e companheiro de viagens. (1) O traductor não uza dessas aleivosias contra si proprio; nelle, o homem de genio e de coração estão em plena respondencia; harmonisam-se perfeitamente. Não tem aquelles estolidos caprichos, nem intoleravel orgulho. O principiante que lhe pedir um conselho, não ouvirá em resposta a vóz aspera, impertinente, de severo mestre, mas de amigo, ou dum companheiro solícito, que acoroçoa e instrúe.

Aquelles que amam as letras, não devem deixar de reconhecer os titulos que legitimam a nomeada do nobre e illustrado barão.

As composições originaes não desdizem das traducções, productos da mesma origem; trazem o cunho de seu peregrino talento; rescendem aromas subtis e deliciosos; exálam harmonias, nas quaes sentimos as emoções da sensibilidade e o lume da inspiração; mostram graça e a perpetua primavera, em que a vida lhe floresce, espargindo perennes enlevos dos sonhos d'alma de poeta.

Tal é a exuberancia dessa imagina-

ção, na qual, de subito, brotam os cantos de *Mazeppa*, *Giaur* e *Parisina*, como espumante e sonoro jorro duma voluptuosa torrente. Estas trez producções são de generos diversos; não sáem das vibrações da mesma corda. Em todas, o traductor mede-se, emparelha com o auctor original — e este não é qualquer frivolo rimador da grey dos *parnasianos*, preocupados principalmente da sonoridade da rima; por exemplo, um faceto Blanville, ou o insipido François Coppé. O auctor original é uma realeza intellectual, potente pela idéa e soberano pela harmonia. E' o genio, que irradiou sobre o seculo XIX e, transpondo os seculos vindoiros, será admirado na posteridade. Póde-se bem avaliar da grandeza do astro que teve por satellites um Shelley e T. Moore, na Inglaterra; Heine, Prutz, Jules Mosen e outros, na Allemanha; Hugo Foscolo, Leopardi, Monti, Stecchetti, Manzoni, etc., na Italia; Lamartine, V. Hugo, Alfredo de Musset, Vigny, etc. em França.

Nos paizes civilizados, os cerebros, consumidos pelas theorias do scepticismo, pelas doutrinas da philosophia moderna, fôram afferrados sectários da inspiração byronianna; fôram imitadores das extravagancias e das orgias de *Lambro* ou de *D. Juan*. Os erros e os vicios dos discipulos pezararam sobre a reputação do mestre com terrivel responsabilidade.

A despeito da grita e das maldições, Byron manteve-se na culminancia e foi o pensamento dominador na litteratura do seculo, influindo nas idéas, nos sentimentos e costumes.

A poesia de Byron é vária e, ao mesmo tempo, cheia de unidade pela natureza e origem da inspiração. O poeta experimenta e exprime uma alluvião de discordantes sentimentos, idéas, concepções, sempre na mesma gamma e vibração, imagens e colorido; vária tambem pela opulencia e abundancia das creações. Ora em seus cantos murmura a paixão amorosa e lasciva; rutila a fé, idealisa-se a ternura; ameiga-se a brandura. Ora irropem a violencia, a colera, a descrença, a dôr, e essas se exálam com delirante energia... O traductor brasileiro sóbe ao mesmo Thabor das grandiosas ou terriveis transfigurações e, ainda deslumbrado, coberto de fulgores, ou envolto no véo de sombras, reprodúz os sentimentos do auctor, traduzindo *Mazeppa*, *Giaur*, *Parisina*, tal qual e sob a mesma emoção. Eis ali a razão pela qual conserva até a fôrma melodiosa, a contextura da versificação de Byron, que os criticos inglezes proclamam verdadeiramente magnifico e excellentemente metrificador da escola de Pope e de Johnson. E o sr. barão de Paranapiacaba, entre os nossos poetas, é reputado metrificador,

por assim dizer, sem rival. Elle soube reunir, em seus versos, a vigorosa harmonia de Bocage á primorosa elegancia de Castilho e á meditada cadencia de Garrett.

Notai a pericia da mão do artista, reproduzindo as trez figuras dezenhadas, traçadas e animadas ao sopro vivificante do genio de Byron.

*Mazeppa*, amarrado sobre o dorso do corcel, lá váe, em rapida e desembestada desfilada, por montes e valles... *Giaur*, na solidão do claustro, é um phantasma que se recorda da ventura passada, mas que lhe está pungindo o intimo d'alma... *Parisina*, ainda abrazada de incestuosos ardores, suspira pelo querido Hugo.

Cada uma das situações dessas figuras provoca diversos accentos nos versos dos dois cantores. Si Byron os desferiu admiraveis, elles se repercurtem opulentos de louçanias, vibrantes da energia, na versão de *Mazeppa*; terriveis na lamentação de *Giaur*; ou meigos como a ternura da carinhosa e infida *Parisina*. O traductor, sentindo, pensando e exprimindo as mesmas emoções e idéas, reproduziu fielmente a mesma obra — criação do genio de ambos. Todos os lidos nestas coisas litterarias, sabem que os versos e os poematos de Byron são considerados bellos; o traductor os egualou cinzelando os seus versos com arte, que não revela só paciente labor ou espontanea e natural florescencia; nesta metrificação, trasbordam as correntes da harmonia; os effluvios de certa volupia, que vem dos sentidos, requintada por idéas da belleza e do amor.

Um traductor, sem aquelles predicações, um méro linguista e rigido grammatico será fidelissimo, porém insipido, mechanico, sem audacia, calor e vida. Só tradúz bem aquelle que sente e comprehende a alma e passa pelas mesmas emoções do auctor original. Supponha-se que o erudito Odorico Mendes quizesse verter os poemas de Byron com rigorosa exactidão, tal qual traduziu a *Illiada*, ou a *Eneida*; — quem o leria, quem poderia supportalo?

O genio violento, phantastico, tremendo, satanico, do cantor de *D. Juan* e de *Lambro*, poderia accomodar-se, amesquinhando-se, nas estreitas e apertadas regras da poetica das escolas?

Não: as portentosas creações do bardo inglez só pódem ser bem traduzidas por um poeta da mesma indole de inspiração, ardente, impetuosa, aventureira, cheia de effusões de caloroso enthusiasmo.

Não sei explicar o porquê o sr. barão de Paranapiacaba, podendo consagrar tempo e labor a composições originaes, prefere ser traductor. Essa tarefa, muitas vezes, não é somenos.

Cicero, o immortal orador da antiga Roma, traduziu muitas obras do grego, para o latim; suas composições philosophicas, por assim dizer, são compilações das doutrinas das escolas que floresciaam na Grecia.

Ainda hoje, eminentes eruditos, poetas e escriptores, na douda Allemanha, occupam-se com traducções, tanto que certo historiador da litteratura observa que na Allemanha se traduzem os livros de todos os povos cultos.

Nascerá tal preferencia do sentimento patriotico de dar á mocidade da sua patria a versão dos poemas do portentoso cantor? De certo, o trabalho do illustrado barão é de summa utilidade para os cultores noviços da poesia e de singular prazer para os velhos litteratos.

Devemos agradecer-lhe esse serviço e favor, dos quaes todos aproveitam.

Não olvidemos, porém, que os poetas não se remuneram, sinão com o salario, que não passa dum nome, duma abstracção, duma chimera — a gloria, a immortalidade!.. Soberbos da opulencia dos thesouros inexgottaveis da phantasia; altivos da magnitude do poder; arrogantes no meio das turbas genuflexas de admiradores, — os poetas caminham, impavidos, como os prophetas doutr'ora, representantes do *Altissimo*!. Si elles então abemolados hymnos de pureza, si adoram a virtude, si cultivam o amor casto e santo, da mesma sorte preferem horriveis blasphemias, murmuram canções lascivas, amam vicios, tripudiam nas orgias e embriagam-se em asquerosas e repulsivas devassidões...

Byron foi um desses prophetas; comprazia-se em ser considerado anjo decaído, em passar por Ahriman malefico, saído das trevas...

As pessoas que viveram com elle, apontam essa pequice, que, em verdade, lhe deslustra a grandeza eschyliana. Elle *ostentava e confessava-se repleto e saciado de todos os vicios*. (2) Inculcava-se aváro. Denunciava-se duro e insensível para com os soffrimentos do proximo; ebrio e devasso. Pretendia encarnar as perversidades dos personagens de seus poemas. Em *Mansfredo e D. Juan*, ouza ostentar o impudor de fazer, em immundos sarcasmos, allusões aos segredos do leito nupcial, humilhando e desesperando miss Milbank, que fôra sua esposa. (3)

Todos os que levam os seus poemas, sabem que o terceiro canto de *Child Harold* contém versos dirigidos a — ADA BYRON, fillia que houve do seu consorcio.

Nunca mais tornou a vel-a; porém, nos requintes de suas devassidões e orgias por toda a Italia, principalmente em Veneza, conservava o retrato da innocente creança na cabeceira do leito, onde se espreguiçavam a mar-

queza de Guiccioli e muitas outras mulheres de alta e baixa classe. Um critico moralista observa que «não perpassou nunca pela mente de Byron, siquer, ligeiro sentimento que lhe exprobase a brutalidade de condemnar o retrato da innocente menina a ser testemunha de scenas torpes.» Faltava á grandeza do genio, a delicadeza das bellas e nobres acções.

Um inglez, seu companheiro de viagem, o senhor Trelawny, na obra que publicou sobre a vida de Byron, (4) assevera que este, apezar de gabar-se de ebrio, sempre foi excessivamente sobrio.

A sobriedade era para elle uma necessidade, porque temia ficar obséso, talvez porque suas pernas não poderiam carregar um corpo demasiado volumoso.

Além do aleijão dos pés, as pernas eram seccas até os joelhos. Este mesmo compatriota affirma que, na Italia, obervou Byron passar, durante muitos dias, comendo biscoitos e bebendo *soda water*.

Nenhum homem foi tão escravo do desejo de espantar o mundo, como foi lord Byron, que chegava a dizer que os admiradores *beatos* dos grandes homens não passam duma turba de imbecis, que só se enthusiasmam por tudo o que ha de ridiculo em seus predilectos.

Ora, como era esse o conceito que formava dos seus admiradores, Byron logicamente procedia, praticando as coisas extravagantes, indecentes e ridiculas, para satisfação da escoria dos imbecis.

O mesmo compatriota affirma que, sob pretexto de desconcertar a curiosidade, Byron fazia praça de impostura perante o publico; entretanto, de sua natureza, era tímido, razoavel, modesto e acanhado até o desazo — bôa e simples creatura!

O auctor citado, quando Byron morreu em Missolonghi, commetteu a irreverencia de levantar o lençol mortuario que cobria o cadaver e examinar os pés aleijados e as pernas seccas, até os joelhos.

O sr. Trelawny publicou o seu livro muitos annos depois de fallecido o cantor de *Giaur*. Foi uma testemunha auctorisada e competente que, por assim dizer, deu o seu depoimento no processo, quasi secular, que a *moral formalista* ingleza parece haver sustentado contra o poeta banido da soberba e poderosa Albion e que, até hoje, é allí considerado um misero proscripto. A' vista desta inquebrantavel severidade, poder-se-á perguntar si o genio foi dado a Byron como um privilegio augusto, ou como punição merecida dum detestavel reprobol Teria elle sido condemnado a arrastar as bragas infamantes de galés perpetuas?

Para comprehender bem as produções daquelle pensamento, é indispensavel surprehendel-o e acompanhá-lo desde a genesis de sua formação nas dobras reconditas da consciencia. Ora, é esse um dos meritos do nosso traductor, que parece ter vivido a vida intima do poeta inglez; compartilhado de suas emoções; afagado as aspirações; devorado as tristezas continuas e horriveis; sugado a esponja gottejante de fel e de vinagre, e, dest'arte, conseguin revelar tudo que se passa no animo do cantor de *Parisina e de Giaur*.

Si não houvesse a identificação das duas almas, como seria possivel que numa se repercutissem as emoções da outra? A consciencia desses phenomenos, isto é, o conhecimento psychologico é absolutamente individual; não é commum nem compartilhado; não pôde ser comprehendido por méra e simples inducção. De certo, não sois impressionado da mesma maneira que outro homem. A nossa impressão sómente, vós a sentis e conheceis.

Ella modifica fatalmente o vosso *Eu*, sem intervenção, siquer, da vossa vontade. A consciencia apenas vos apresenta os resultados da sensação, ou da actividade mental.

Como o poeta original e o traductor produziram a mesma obra, sentiriam as mesmas emoções, si suas almas não fôssem duas harpas, cujas cordas, pulsadas pelas mesmas mãos, exálam identicos harpejos?

Vêde um exemplo na photographia. Diversos photographos assestam a machina sobre os contornos da nossa esplendorosa bahia. O painel surge egnal de todos os *reveladores*. Aquillo que um exprime, encontra-se nos outros, porque o machinismo não tem concepção nem idéal; não sente a vida palpitar-lhe na sensação, nem a vontade luctar com o pensamento...

Ao contrario, certo numero de pintores, (artistas de pincel) cada um com o seu temperamento e sentido diversamente; uns, resistindo á fatalidade da sensação; outros, dominados por ella, dezenham e pintam differentemente. Cada um exhibirá resultados oppostos. O quadro representará o mesmo objecto, os mesmos aspectos e contornos, a vastidão da bahia com as vaporosas cumiadas das montanhas, com a verde-negra vegetação, com os abrnptos rochedos, com o purpureo azul do mar; (5) porém, os ance-nubios de luz, os contrastes de sombras, os matizes das côres, os relevos das payzagens, as minucias das linhas, enfim, tudo differe, como o temperamento dum pintor se differença da faculdade sensitiva do outro, como o pincel dum não é o do outro; o gosto varia em cada um destes artistas.

Assim, o traductor é um REVELADOR. Si sentir e pensar da mesma sorte que

o outro original, então exprimirá eguaes dôres ou alegrias; exalará gritos de desesperos, ou brados de supplicas...

O sr. barão de Paranapiacaba, de certo, não se limitou a comprehender o pensamento, ou paraphraseal-o; procura expressal-o na mesma fórma; viveza, harmonia e belleza. Traduzindo o *Giaur*, conserva-lhe até o movimento dramatico em todos os lances em que o protogonista narra a paixão por Leïla. A scena é representada de tal sorte pungentissima, que nos dá a sensação da realidade; como que faz escutar-mos a voz angustiosa e tetrica do frade desconhecido e quasi phantasma. Pensamos que estamos assistindo e vendo as contorsões dum martyrio lento, cruel, hediondo... Confrange-nos essa paixão, que lacera o infeliz, que veio, debalde, procurar, no insulamento do claustro, a paz, e beber o olvido de seus tormentos...

Essa dôr não cessa; vemol-a torturar o desgraçado, como a Medéa mythologica, que redúz a pedaços os filhos e, em presença dos espectadores, atira por sobre o palco scenico — *disjecta membra*...

Contemplamos ainda, como no drama de Shakespeare, o Mouro, transido de fervida colera, estrangula a infeliz Desdemona, quando ella balbuciava uma canção que, na infancia, aprendera dos labios maternas...

Esta passagem do poemeto, na qual *Giaur*, mettido frade, conta que o amor lhe está abrazando o peito e a immensa paixão doutr'ora renasce, e que se sente enlouquecer sómente ao lembrar-se da mulher querida... é, tanto no original quanto na versão do poeta brasileiro, dum vigor eschyliano e admiravel e dum effeito dramatico que indica que Byron possuia soberbas e prodigiosas faculdades para as creações tragicas.

EUNAPIO DEIRÓ.

(Continúa)

(1) *Recollections of the last days of Schelley and Byron*, by Trelawny — 1 vol.

(2) Segundo affirma Th. Moore.

(3) *Hist. of Litt. angl.*

(4) *Recollections of the last days of Schelley and Byron*, by Trelawny.

(5) Virgilio, na *Eneida*, escreveu — *purpureum froetum* — quer dizer: brilhante como o lustre da purpura; e o poeta portuguez Garção, excellente classico, disse — *Entre as ondas azues do mar doirado*.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e do primeiro semestre de 1905.

As officinas dos Annaes, dispondo de um material novo e moderno, encarrega-se de todo e qualquer trabalho typographico.

## PAGINAS ESQUECIDAS

Nas *paginas esquecidas* do nosso numero anterior, os leitores terão encontrado uma copiosa e abundante materia a respeito do que se chamou o erro de astronomia na bandeira. Hoje, publicamos um erudito trabalho do sr. Eduardo Prado, allegando que «no plano da bandeira, houve desprezo, ou ignorancia da tradição historica.»

### A BANDEIRA NACIONAL

«A bandeira recorda o Passado, donde proviemos, a Posteridade, (1) por quem trabalhamos, e o Presente, que fórma o élo movediço dessas massas indefinidas das gerações humanas. Este symbolo corresponde a tudo quanto o outro (a antiga bandeira de 1822, feita por José Bonifacio e Pedro I) tinha de essencial. Ella lembra, naturalmente, a phase do Brazil-Colonia nas côres azul e branca que matizam a esphera, ao mesmo tempo que esta recorda o periodo do Brazil-reino, por trazer á memoria a esphera armillar. Desperta a lembrança da fé gloriosa dos nossos antepassados e o descobrimento desta parte da America, não mais por meio de um signal, que é actualmente um symbolo de divergencia, (a cruz de Christo) mas por meio de uma constellação, cuja imagem só pôde fomentar a mais vasta fraternidade, (o Cruzeiro do Sul) porque nella o mais fervoroso catholico contemplará os mysterios insoudaveis da crença medieva, e o pensador mais livre recordará o character subjectivo da mesma crença e a poetica imaginação dos nossos avós. Finalmente, foi mantida a idéa de representar a independencia e o concurso civicos por um conjuncto de estrellas...»

*Apreciação Philosophica*, pelo sr. RAYMUNDO TEIXEIRA MENDES. (2)

PROPOSIÇÃO I — «O novo symbolo corresponde a tudo quanto o outro tinha de essencial.»

E' inexacto.

O fac-simile da bandeira do sr. Teixeira Mendes, como a representa o *Annexon*. 1, do *Diario Official*, fica em opposição ao da antiga bandeira brasileira. Um lance d'olhos sobre as duas estampas mostra que a nova bandeira apenas conservou da bandeira de Pedro I e de José Bonifacio as côres verde e amarella e a disposição, isto é, um losango amarello em campo verde. O antigo escudo, lembrando o descobrimento do Brazil, o Brazil-colonia, o Brazil-reino e o Brazil durante 67 annos de vida independente e livre, foi supprimido e substituido inestheticamente por uma bóla azul, cortada por uma faixa branca e crivada, na parte interior, de estrellas dispersas.

A côr verde, segundo a *Apreciação Philosophica*, parece que foi conser-

vada em attenção a Augusto Comte, que diz o seguinte: «Esta nuança convém aos homens do Porvir, por isso que caracteriza a Esperança, como o annuncia habitualmente por toda a parte a vegetação, ao mesmo tempo que indica a Paz, duplo titulo para symbolisar a actividade pacifica. Historicamente, ella inaugurou a Revolução Franceza, porque os sitiantes da Bastilha não tiveram, quasi todos, outros emblemas além de folhas subitamente arrancadas ás arvores do Palais Royal, segundo a feliz exhortação de Camillo Desmoulin's.»

«Esta recordação universal — acrescenta o sr. Teixeira Mendes — nos transporta á contemplação do proto-martyr da nossa liberdade nacional, o generoso Tiradentes, que foi denunciado no mesmo anno em que Pariz inaugurava a regeneração humana.»

PROPOSIÇÃO II — «O novo symbolo lembra a phase do Brazil-colonia, nas côres azul e branca que matizam a esphera.»

E' um erro da *Apreciação*, que, por ter a actual bandeira portugueza as côres azul e branca, julgou que essas côres datavam do tempo do Brazil colonial.

As côres azul e branca só são as da bandeira portugueza, desde 1830, em virtude do decreto da regencia, chamada da Terceira, datado de Angra, a 18 de outubro daquelle anno, isto é, 8 annos depois da independencia do Brazil, (3) quinze annos depois do Brazil ser elevado a reino, vinte e dois annos depois do Brazil, de facto, deixar de ser colonia, pela chegada da familia real, em 1808.

A côr da bandeira portugueza, tanto em Portugal, como nas colonias, foi, antes e depois de 1500, a côr branca. Não é, pois, possivel relembrar a phase colonial do Brazil, pelas côres brancas e azul, que nunca fôram as dessa colonia e são as de Portugal sómente desde 1830.

Em 1500, a bandeira que Cabral arvorou na terra do Brazil foi a bandeira branca, da ordem militar de Christo. Esta foi a dos navegadores portuguezes, a de Vasco da Gama, a de Cabral, que nas vélas dos seus navios tambem traziam a cruz vermelha de Christo. (4) Ella se encontra em muitos *portulanos* e em varios documentos contemporaneos, nas estampas da peregrinação de Linschotten, no seculo XVI, (5) e nas da obra de Barlœus, representando combates da guerra hollandeza no Brazil. (6) A cruz de Christo, a esphera armillar de d. Manoel (armas dadas a este principe por d. João II) (7) e as quinas portuguezas eram simultaneamente usadas como emblemas do rei de Portugal, nas terras recém-descobertas. (8) A bandeira, porém, era sempre branca.

No seculo XVII, durante o dominio



hespanhol, a bandeira portugueza, diz d. Francisco Manuel na sua *Epanaphora trajica*, (9) teve uma silva verde em torno do escudo, para se distinguir da bandeira hespanhiola, que tambem era branca, tendo o escudo real no centro. (10)

Depois que o Brazil foi elevado a principado, (1647) começou a esphera armillar manoelina a servir de armas ao Brazil, e a bandeira especial desta parte do imperio colonial portuguez continuou a ser *branca*, mas com a *esphera armillar de ouro no centro*. (11) Não é conhecida a data do alvará, ou decreto, que deu por armas ao Estado, ou principado do Brazil, a esphera de d. Manoel. Vemol-a, porém, desde o seculo XVII, nas bandeiras do Brazil, nas primeiras moedas portuguezas cunhadas em fim daquelle seculo, no Brazil e para o Brazil, e encontramol-a tambem nos sellos. (12)

As outras bandeiras, com as armas reaes, tambem fôram sempre brancas e tinham no centro as armas de Portugal e Algarves, até 1816. Depois do decreto de 13 de maio de 1816, que deu armas ao reino do Brazil, a bandeira do reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves, usada pela nossa antiga metropole até 1825, isto é, até o reconhecimento da independencia do imperio do Brazil, foi tambem branca, tendo no centro as armas da União, isto é: o escudo das armas de Portugal e Algarves sobreposto ás armas do reino do Brazil e tendo por timbre a corôa real.

Pela succinta exposição historica que fizemos, vê-se que as côres portuguezas, no Brazil, nunca fôram—azul e branco—e que o sr. Teixeira Mendes errou, querendo recordar o periodo colonial da nossa historia por essas côres, as quaes, só a partir de 1830, fôram as do reino de Portugal.

**PROPOSIÇÃO III** — A nova bandeira *«recorda o periodo do Brazil-reino, por trazer á memoria a esphera armillar.*

Não ha esphera armillar sem armillas, ou circulos. A esphera azul desenhada no losango amarello, não tem signal algum que lhe dê relevo: é um circulo azul, cortado por uma faixa branca e ponteados de algumas estrelas. E' necessario um esforço de imaginação para o espirito figurar a antiga esphera armillar, á vista da bola azul da nova bandeira do Brazil.

**PROPOSIÇÃO IV** — *«A nova bandeira desperta a lembrança da fé gloriosa dos nossos antepassados e o descobrimento desta parte da America, não mais por meio de um signal, que é actualmente um symbolo de divergencia, mas por meio de uma constellação, (o Cruzeiro) cuja imagem só pôde fomentar a mais vasta fraternidade, porque nella a mais*

*fervoroso catholico contemplará os mysterios insondaveis da crença medieva e o pensador mais livre recordará o character subjectivo da mesma crença e a poetica imaginação dos nossos avós.»*

A) — «A CONSTELLAÇÃO DO CRUZEIRO LEMBRA O DESCOBRIMENTO DESTA PARTE DA AMERICA.»

Pela leitura destas palavras, parece que o auctor da *Apreciação Philosophica* entende que a constellação do Cruzeiro do Sul está ligada á historia do descobrimento do Brazil, o que é inexacto.

As estrellas da constellação do Cruzeiro faziam parte da constellação do Centauro. Os antigos conheciam-nas, e, no tempo de Ptolomeu, eram ellas visiveis em Alexandria, (13) de cujo horizonte desappareceram, pelo effeito da precessão dos equinoxios. Como observa Humboldt, no tempo de Santo Athanasio e de São Basilio, no quarto seculo, os christãos da Thebaida viam ainda a Cruz do Sul. (14) Ignora-se a epocha em que foi assignalada a figura de uma cruz na parte inferior do Centauro da esphera; mas, diz ainda Humboldt, os astrónomos arabes designaram tambem cruces nas constellações do Dragão e do Golphinho. Em todo caso, não foi Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil, quem avistou primeiro o Cruzeiro do Sul; Pero Vaz de Caminha, escrivão da sua armada, na carta celebre dirigida ao rei d. Manoel, não fala, sequer, dessa constellação. As primeiras menções que se encontram della nas narrativas dos navegantes são as de Andrea Corsali, quando viajava pela costa d'Africa para Cochim (1515) e a de Pigafetta; (1520) que este tocou no porto do Rio de Janeiro, durante a primeira viagem de circumnavegação do globo, emprehendida por Fernão de Magalhães e concluida por Sebastião del Cano. Quanto ao piloto portuguez anonymo, citado por Humboldt e de Ramusio, e que descreve, da costa d'Africa, essa constellação, sabe-se que a sua viagem teve logar em 1551, ou 1552. (15) Pedro Alvares Cabral viu, sem duvida, as estrellas do Cruzeiro do Sul, embóra as não discriminasse dentre as constellações. Isto, porém, não é sufficiente para poder a *Apreciação Philosophica* afirmar que a constellação do Cruzeiro lembra a descoberta do Brazil. Estas estrellas fôram vistas, nos tempos modernos, por todos os que passaram ao sul do Tropico de Cancer. Viram-nas, muito antes da descoberta de Cabral: o catalão Jayme Ferrer, que, em 1346, chegou até ao rio do Ouro, na costa oriental da Africa; o portuguez Gil Eanes, que, em 1433, dobrou o cabo Bojador; o portuguez Nuno Tristão, que, em 1441, ultrapassou o cabo Branco; e viu essas estrellas, ainda

mais altas sobre o horisonte, o veneziano Aluisio Ca de Mosto, que, em 1445, transpoz o cabo Verde e chegou ao rio Gambia. Viram-nas muitos outros, como Antonio de Nolla e Diogo Gomes, descobridores das ilhas do cabo Verde (1460); Diogo Cam, descobridor do Zaire (1484); Barthomeu Dias, ainda antes de chegar ao cabo das Tormentas (1486); Christovam Colombo, quando descobriu a America (1492) e Vasco da Gama (1498), na expedição que precedeu a de Pedro Alvares Cabral (1500).

Um dos primeiros exploradores da costa do Brazil, Amerigo Vespucci, numa das cartas que lhe são attribuidas, (16) refere-se a quatro estrellas que lhe lembraram a celebre passagem de Dante:

Io mi volsi a man destra e posi mente  
All'altro polo, e vidi quattro stelle  
Non viste mai fuor che alla prima gente.  
Goder pareva il ciel di lor fiammelle.  
O settentrional vedovo sito  
Poi che privato sei di mirar quelle! (17)

PURGATORIO II, v. 22-27.

Vespucci não conhecia, sequer, então, o nome da constellação; em vez de uma cruz, elle viu posaicamente nella uma figura rhomboide, ou uma amendoa (*una mandorla*). (18) Nos fins do seculo XVI, e começo do seculo XVII, epocha que, segundo Varnhagen, foi a da maior gloria do nome de Vespucci, (19) apparecem gravuras attribuindo a Vespucci a descoberta do Cruzeiro do Sul. E' porém, certo que só em 1612 publicou Brayer o seu Atlas, primeiro documento astronómico em que figura, destacada da constellação do Centauro, a constellação do Cruzeiro. Brayer publicou o seu Atlas justamente um seculo depois da morte de Amerigo Vespucci (1512). Durante a vida deste navegador, a Cruz do Sul não teve este nome. Não a conheceram como a constellação da Cruz, nem a ella jámais se referiram os primeiros navegadores da costa do Brazil.

Não ha, pois, razão alguma para a *Apreciação Philosophica* entender que a constellação do Cruzeiro lembra o descobrimento do Brazil.

B — «... NÃO MAIS POR MEIO DE UM SIGNAL QUE É ACTUALMENTE UM SYMBOLO DE DIVERGENCIA, (A CRUZ) MAS POR MEIO DE UMA CONSTELLAÇÃO, CUJA IMAGEM SÓ PÓDE FOMENTAR A MAIS VASTA FRATERNIDADE.»

Não comprehendemos porque a cruz será no Brazil um symbolo de divergencia. Ha naquella paiz quatorze milhões de christãos. O brasileiro é baptisado com o signal da Cruz e, no seu descanso final, dorme no seu tumulo á sombra da cruz. Como pretende o sr. Teixeira Mendes que este signal, que o brasileiro recebe ao entrar na vida e que o acompanha na morte, seja um symbolo de divergencia? E'

infima a minoria não christã no Brazil.

Demais, a cruz da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo tem na bandeira, além da significação religiosa, a alta significação historica e patriótica, de ter sido o symbolo representado na bandeira que o primeiro descobridor portuguez hasteou no Brazil.

O Governo Provisorio conservou para os militares a cruz verde e florenceada da ordem de S. Bento de Aviz, e nenhum militar tem divergido, até hoje, recusando-a. Ainda ninguém rejeitou essa condecoração, tão larga e fraternalmente distribuída, a pretexto de divergencias theologicas.

Porque é que um symbolo é apagado da bandeira como emblema de discordia e, ao mesmo tempo, é pregado ao peito dos soldados como insignia de honra?

Quanto á constellação do Cruzeiro fomentando a mais vasta fraternidade, pensamos que o sr. Teixeira Mendes entrou, neste ponto, no dominio da Astrologia. A influencia daquella constellação sobre a fraternidade humana, não deve ser sensível aos povos que habitam o hemispherio norte, pois estes povos não vêem o Cruzeiro. Os hispano-americanos, que não são modelos de fraternidade, pois vivem em dissensões contínuas, alimentando odios inextinguíveis; as tribus selvagens d'Africa; os barbaros das ilhas do Oceano Indico e do Pacifico e os colonos da Australia e da Nova Zelândia, esses, que vivem debaixo da influencia da constellação fomentadora da fraternidade, esses devem ser os povos mais fraternos da Terra.

PROPOSIÇÃO V — « *Foi mantida a idéa de representar a independencia e concurso civicos por um conjuncto de estrellas.* »

Na bandeira de 1822, existia, com effeito, a bella e poetica idéa de representar as antigas provincias por estrellas. Presidiu, porém, á execução dessa idéa, o pensamento de representar a união harmonica das provincias por outras tantas estrellas eguaes, dispostas em circulo, isto é, na mais perfeita symbolisação da ordem e da egualdade, figuradas pela continuidade e pela equidistancia do centro. Na bandeira dos Estados-Unidos, vê-se o mesmo pensamento, e as estrellas que nella figuram os Estados da União são estrellas eguaes em grandeza, como são eguaes em direitos os Estados, e essas estrellas estão dispostas symetricamente no parallelogramma azul, justa imagem da boa ordem e da União Federal.

Na bandeira do decreto de 19 de dezembro, os Estados do Brazil são representados por estrellas e ha no campo azulado do hemispherio austral

estrellas de primeira, de segunda e terceira grandeza e até uma,  $\sigma$  do OITANTE, que é invisível a olho nú. Foi desprezado o dogma fundamental de toda organização federativa, isto é, o da egualdade de direitos e de autonomia de todos os Estados federados.

Na bandeira, as estrellas não estão figuradas de modo a representarem a união e a harmonia. Separadas e dispersas, como estão, figurariam, antes, não só a desigualdade, como a desunião e a desordem. Quanto á idéa de independencia figurada por um conjuncto de estrellas, nas suas posições astronomicas, segundo diz o decreto, é claro que esta representação astronomica e inflexível indica, antes, uma rigorosa subordinação a leis fataes e immutaveis, como são as da ordem cosmica, do que á independencia, de que fala o sr. Teixeira Mendes.

EDUARDO PRADO.

(1) *Recordar* quer dizer:—tornar a trazer á memoria. — E' verbo que só se applica ao passado. E' impossivel *recordar a posteridade*, pois a posteridade é coisa futura.

(2) *Diario Official*, n. 323, de 24 de novembro de 1889; 1.<sup>a</sup> pagina, 1.<sup>a</sup> columna.

(3) Decreto:

«Tendo o governo que usurpou o throno de sua magestade fidelissima usurpado tambem as côres que tinham guiado para a victoria as tropas portuguezas, sempre distinctas pelo seu valor e lealdade, e sendo necessarias hoje novas insignias que distinguam os portuguezes que permaneceram fieis no caminho da honra daquelles que tiveram a desgraça de seguir o partido da usurpação: manda a regencia, em nome da rainha, que, de ora em diante, a bandeira portugueza seja bipartida verticalmente em branco e azul, ficando o azul junto da haste e as armas reaes, collocadas no centro da bandeira, a metade sobre cada uma das côres; e manda, outrossim, a regencia, em nome da mesma senhora, que nos laços militares do real exercito e armada se usem as mesmas côres azul e branca com a mesma fórma do laço actualmente em uso e occupando a côr branca a parte exterior e centro do mesmo; e confia a regencia em que todos os leaes portuguezes, tanto dentro, como fóra do reino, se apressarão a reunir-se debaixo destas insignias, para a restauração de sua legitima soberana e sustentação da Carta Constitucional da Monarchia. O ministro e secretario d'Estado assim o tenha entendido e expeça para a sua execução as ordens necessarias. Palacio do Governo, em Angra, 18 de outubro de 1830—*Marquez de Palmella*—*Conde de Villa Flor*, José Antonio Gnerreiro—*Luiz da Silva Monsinho d'Albuquerque.*»

O decreto de 7 de janeiro de 1796, o decreto das Côrtes, de 22 de agosto de 1821, revogado pelo de 18 de julho de 1823, referem-se sómente aos laços militares do exercito, e não ás côres da bandeira.

(4) Vid. *ROTEIRO DE LISBÔA A GÔA*, por d. João de Castro, annotado por Andrade Corvo—Lisbôa, 1882.

(5) *Navigatio et itinerarium in orientalem, sive Lusitanorum Indiam, collecta et descripta belgice, nunc latine reddita. Hagæ-Comitis. Anno 1599.*

A primeira edição hollandeza é de 1596.

(6) *Barlœus: Rerum per octennium in Brasilia, 1647. Gravuras: Loanda Sancti Pauli et Quartum Proelium.*

(7) *Damião de Góes, Chronica del Rei Dom Emanuel*, part. I, cap. V.

(8) Na rarissima obra — *Ho Preste Ioam das Indias. Verdadeira informaçom das terras do Preste Ioam*, segundo vio e escreveo oh padre Francisco Alvarez, capellã del Rey Nosso Senhor. Coimbra, 1549—ha uma curiosa gravura representando a entrada do embaixador do rei de Portugal, d. Rodrigo de Lima, na côrte da Ethiopia, em 1520. Os arnezes do cavallo do embaixador são ornados com a esphera armillar, que tambem se vê no chapéo do escudeiro que o acompanha e que, tendo nos arnezes do seu cavallo a cruz de Christo, empunha um pendão com as quinas.

(9) II. Naufragio da armada portugueza nas costas de França—1627.

(10) Além das bandeiras reaes arvoradas pelas capitaneas e almirantas das armadas, tinham os portuguezes outras bandeiras navaes, coloniaes e mercantes. A Companhia de Jesus tinha uma flammula e uma bandeira com insignia propria (Vid. Basilio da Gama—*O Uruguay*—1769, pag. 95); a Companhia de Guiné, creada no seculo XVII, que negociava com escravos no Brazil, usava um pavilhão branco com a cruz de Sinople (vid. Froger, *na Relação da Viagem de M. de Gennes*—Paris, 1700, pag. 145.

(11) Esta bandeira é reproduzida da obra *La Connaissance des Drapeaux et Pavillons*—Haye, 1735. Num mappa impresso no começo do reinado de Luiz Philippe, em Paris, vê-se ainda a referida estampa, com a designação de *Ancien drapeau du Brésil*. Encontramos a mesma bandeira em muitos outros mappas e documentos do seculo passado.

(12) Ha poucos annos, a Municipalidade do Rio de Janeiro, achando alguns desses sellos, ficou em duvida sobre se as armas da cidade eram as settas de S. Sebastião, ou a esphera armillar. Aquellas eram as da cidade; esta, as do Brazil.

(13) HUMBOLDT — *Examen Critique de l'Histoire de la Géographie du Nouveau Continent et des Progrès de l'Astronomie Nautique, au XV et au XVI siècles.* Paris — 1837. Vol. IV, pag. 323.

(14) Ideler, citado por Humboldt (*Examen Crit.*, vol. IV, pag. 322), suppõe que a constellação chamada por Plinio (lib. II, cap. 69) *Cæsar's thronon*, é o nosso Cruzeiro do Sul.

(15) *Collecção de Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas.* Vol. II, pag. 78, 2.<sup>a</sup> edição. Lisbôa, 1867. Julgase, geralmente, que este piloto foi o primeiro que chamou á constellação — O Cruzeiro.

(16) Datada de 18 de julho de 1500; segunda viagem. Duvida-se de que nessa viagem tenha estado, ou não, Vespucci nas costas do norte do Brazil, apezar da affirmativa de Varnhagen. Ha tambem serias duvidas sobre a authenticidade dessa carta.

(17) SCARTAZZINI, (Leipzig—1875, vol. II, pag. 3), assim como a maior parte dos novos commentadores do Dante, acceta a interpretação de Humboldt, de que Dante quiz symbolisar nas quatro estrellas as quatro virtudes cardeaes. (*Examen Crit.*, vol. IV, pag. 324; *Kosmos*, vol. II, pags. 331 e 486; vol. III, pags. 329 e 361.

(18) *Examen Crit.*, vol. IV, pag. 319.

(19) *Amerigo Vespucci, sou caractère, ses écrits etc., etc.*, por F. A. de Varnhagen Lima, 1865, pag. 68. E' desta epocha o retrato gravado por Chrispino de Passe, n. 140 do *Catalogo de Estampas Raras*, da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, publicado no vol. XI dos *Annaes*, da mesma Bibliotheca. Nesse retrato, Vespucci é chamado... TERRÆ BRASILIANÆ INVENTOR ET SUBACTOR. Possuimos em nossa collecção uma estampa de Philippe Galle (1557-1612) e de João Collaert (1550), segundo desenho de João Stradanus (1536-1605), representando Amerigo Vespucci observando o Cruzeiro e tendo esta inscripção: *Americus Vespuccius, cum quatuor stellis, cruce silsete nocte reperit.* Esta estampa é a correspondente ao Astrolabio, da série das descobertas novas, publicada

pelos Galle, sob o titulo *Nova Reperta*. Além desta estampa, da série referente a Vespucci, ha outra tambem dos Galle: *America delectio*, com os retratos de Colombo e de Vespucci e o globo terrestre plantado sobre o mar, no littoral lignifico, Genova, etc., etc.; outra representa Vespucci entre tritões, numa nave, divisando ao longe algumas terras: *Americus Vespuccius Florentinus portentosa navigatione ad Occasum atque ad Austrum duas orbis terrarum partes, nostris oris quas incolimus majores, et nullis antea nobis notas sæculis, quarum alteram de suo nomine Americam mortalium consensum nominavit*.—An. Sal et IID. Os retratos de Colombo e de Vespucci—o primeiro, em relação á America, chamado *inventor*, o segundo *detector et denominator*—appareceram noutra gravura de Philippe, desenhada por Stradanus, e em que uma rosa dos ventos, figurando a bussola, tem esta inscripção: *Flavius Amalfitanus Italus Inventor*. Finalmente, numa gravura de Theodoro Galle (1580), vê-se Vespucci, ao saltar numa terra, despertar uma india deitada numa maca; Vespucci tráz uma bandeira, na qual se vê uma cruz e quatro estrellas: *American Americus relexit et semel vocavit inde semper excitam*. O desenho é ainda de Stradanus.

## A ARMADA NACIONAL

*Os desastres da sua estrêa, da sua acção militar — A ineptia dos seus chefes, segundo a prova dos relatorios.*

A lucta que, com pequenas interrupções, constante se manteve entre Portugal e Hespanha, originada na ambição da posse da banda oriental do Uruguay, lucta que parecia enfim extincta entre as duas metropoles, começou de novo a surgir, velada com a independencia dos estados do Prata, desejosos de integrar, nação já, o antigo vice-reinado; de outro lado, o espirito uruguayo propendia para a independencia politica. Era fatal, pois, que reaparecesse aquella disputa, mais tarde, quando o Brazil, imperio, tivesse de estender o seu dominio á provincia cisplatina, dominio que o povo uruguayo não recebeu com prazer.

De facto, dois annos passados sobre a epocha da nossa elevação a Estado independente, o governo de Buenos Ayres, o de mais peso entre os dos estados da federação do Prata, tratava de conseguir do gabinete brasileiro a entrega daquella provincia; e porque o nosso governo não se submettesse a essa exigencia extravagante, e na impotencia de entrar, então, em guerra franca com o novo imperio, começou de Buenos Ayres a fomentar o espirito de revolta de uruguayos guerreiros e caudilhos, para que estes uscassem fazer a independencia de sua patria, protegendo-os já com armamento, já com homens, já com dinheiro e permittindo que no porto de Buenos Ayres se armassem corsarios que incommodassem a nossa força naval; tudo, com o intuito de, mais tarde, aproveitar-se da situação que se dava.

E, enquanto assim procedia, machiavelicamente lançando o Uruguay aos horrores da guerra civil, subrepticamente organisava, com os elementos possiveis, uma esquadra, que tripulou com officiaes estrangeiros em grande parte, e da qual entregou o commando supremo a William Brown, que contractou para seu serviço com o posto de almirante. Logo que se julgou forte para, com o auxilio do povo rebellado, enfrentar o Brazil, começou a prestar aquella protecção tão clara e abertamente, que o governo imperial se viu forçado a declarar-lhe guerra, após grande numero de reclamações não attendidas. Pelos ultimos dias do anno de 1825, estabelecia-se o bloqueio do Rio da Prata, com a esquadra ao mando do chefe Rodrigo Lobo, já então reforçada e bastante para affrontar, certa de victoria, a armada de Brown, se as circumstancias locais o permittissem fazer.

Effectivamente, o pouco fuudo no estuario, em virtude da existencia de grande numero de baixios e bancos, dos quaes, por certo, o inimigo tinha maior conhecimento e que em nada lhe difficultavam as manobras, calando os seus navios menos do que o geral dos nossos, foi causa, muita vez, de que as duas forças não se empenhassem em combate decisivo, e circumstancia da qual, com habilidade, soube Brown tirar grande partido. Entretanto, mais de uma occasião azada se offereceu para que Rodrigo Lobo pudesse forçar o inimigo a engajar uma acção, que deveria, attenta a nossa superioridade, ser funesta ao inimigo; no rapido estuado que se segue, proval-o-emos.

Sabemos já quanto a campanha cisplatina foi, se não humilhante, pelo menos desastrosa para o Brazil; mais desastrosa ainda pelos resultados que acarretou. De sua historia, as figuras attraentes do bravo brigadeiro Manoel Jorge Rodrigues, commandante da praça da colônia do Sacramento, e do denodado capitão de mar e guerra James Norton, são as unicas que saem illesas dentre as dos que tiveram de commandar forças; estudando essa guerra, encontramos, a todo momento, queixas e ataques reciprocos entre chefes e commandados; a carga de responsabilidade de derrotas atiradas a um e a outro; as desculpas, por vezes descabidas, da carencia de elementos para vencer; instrucções mal cumpridas; tudo, em summa, cabalmente demonstrando a desorganisação dos serviços, a ineptia, a pouca unidade de vistas, a desconfiança de um para outros, a rivalidade e, como termo, a desmoralisação, característicos de uma esquadra que nasceu para morrer, ou de uma armada em decadencia.

E a marinha de guerra do Brazil apenas tinha quatro annos!

No começo da guerra, o chefe das

operações navaes foi Rodrigo Lobo, e a saída do corsario Lavalleja, de Buenos Ayres, a despeito de já estabelecido o bloqueio, foi o primeiro symptoma da série de humilhações que haveriamos de soffrer depois. A força bloqueadora, que se compunha de uma fragata, cinco corvetas e mais de doze navios entre brigues, escunas e hiates, foi impotente para obstar aquella sortida e outras que se lhe seguiram, apesar de o chefe Diogo de Brito, que sempre revelou alta competencia, consultado a respeito pelo governo, julgar que, para completo bloqueio e guarda efficiente do estuario, bastariam trez corvetas e dez navios menores.

O primeiro combate travado entre as duas esquadras, o de 9 de fevereiro, é uma affirmação do que acima ficou dito acerca do estado da esquadra. A esquadra argentina compunha-se de uma só corveta, cinco brigues e treze embarcações sem importancia, em geral simples lanchões armados; a brasileira contava uma fragata, cinco corvetas, dois brigues e doze navios menores, e apesar dessa desproporção, nenhum navio inimigo posto a pique, nenhum apresado, nenhum seriamente avariado! O chefe Rodrigo Lobo dizia, em sua parte: «...e o resultado foi pôr-se em retirada o inimigo sem que eu lhe pudesse tomar algumas das embarcações, o que sempre esperei; mas a pouca pericia de varios commandantes, que nunca viram fogo nem tão pouco commandaram quartos a bordo de navios de guerra...»; depois, continúa: «...pois jámais terá havido combate naval em que o general fôsse obrigado a fazer tantos signaes, etc», e, ainda adeante, «tenho tambem a lamentar a pouca pericia dos nossos artilheiros, que é raro aquelle que sabe fazer uma pontaria, e isto nasce de não se lhes ensinar a atirar ao alvo nos exercicios de ensino; tenho tambem a sentir que uma grande parte das carretas das peças são tão mal construidas...» etc. E, quasi finalizando essa parte, encontra-se ainda este trecho: «Eu de alguma fórma desculpo aos ditos commandantes, não só por serem novos mas tambem por serem as embarcações pequenas e com pouca artilharia de alcance; mas não os posso desculpar em não atacarem melhor as barcas inimigas, que pelo menos cinco ou seis deviam ser tomadas. Devo dizer a v. exa. que o bergantim *Caboclo* e o bergantim *Rio da Prata* fôram nullos nos dois combates.

Diogo de Brito, chefe de divisão, com a insignia em uma das corvetas, dizia: «só tenho a lamentar a impericia dos nossos artilheiros; nenhum sabe fazer pontaria; foi necessario que eu e os officiaes fôssemos fazer pontarias, afim de conseguir-se algum damno ao inimigo.»

Será justificativa para essas faltas, ter a marinha brasileira apenas quatro annos de existencia? Não; de facto, de serviço em marinha de guerra só tinham quatro annos alguns dos nossos navios; officiaes e praças em geral, tinham mais que isso, e depois, a marinha argentina, que apenas nascia então, inflingiu-nos varias derrotas e serios damnos em muitos combates.

Ao combate de 9, seguiu-se um ataque á nossa esquadra em 24 de fevereiro, sem resultado. Rodrigo Lobo que, com toda a sua força, se afastára de Buenos-Ayres, após a lucta daquelle dia, por «não ter confiança decisiva em todos os commandantes que se acham debaixo das minhas ordens, pela pouca experiencia que téem desse serviço á vista do inimigo e por tanto receiar que este, em reparando os seus damnos, podia voltar com maior força» etc, deixa-se surprehender, já muito proximo o inimigo, devido á neblina, por uma força, na occasião, superior á sua, o que o fôrça a ir procurar auxilio na fragata *Imperatriz*, que se achava ao largo; e, elle proprio o diz, «nesta occasião tinha o inimigo força superior á minha; se não estivesse á vista a fragata *Imperatriz*, o que foi uma fortuna por ter eu dado as providencias que dei; porque, do contrario, não sei qual seria o resultado, porque, como já disse a v. exa., o brigue *Caboclo* e o brigue *Rio da Prata* são nullos enquanto não tiverem outros commandantes, e o brigue *Januaria*, pela sua construcção, é tambem nullo á vista dos bergantins inimigos e, portanto, ficava só esta corveta e a *Maceió*, e que se esta fizesse o que fez no dia 9, pouco me ajudava», etc.

Os argentinos retiram-se sem que o combate tivesse consequencias, e fôrão atacar a colonia do Sacramento, desamparada pela esquadra, á qual incumbia, entretanto, a guarda de todo o estuario. Encalhados os poucos e fracos vasos que allí se achavam, a força de marinha desembarcou e effizantemente cooperou na defeza da praça. O inimigo, fundeado proximo á cidade, permanecia em expectativa ameaçadora. Rodrigo Lobo, tendo sciencia desse ataque, foi, dias passados, em auxilio da colonia; a esquadra argentina ainda ali se achava; a brasileira foi fundear á vista do inimigo, que, podendo nessa occasião ser bloqueado e batido completamente, se retirou, entretanto, quando julgou conveniente, indo recolher a Buenos Ayres e tendo se mantido sete dias ao alcance da frota de Lobo.

Essa fuga da força naval argentina, tendo para vigial-a uma forte divisão brasileira, á vista, é das mais monstruosas vergonhas que póde soffrer um bloqueador, e a responsabilidade dos officiaes incumbidos de, mais proximamente, observarem o inimigo,

recáe, inteira, sobre o inepto chefe que havia suspeitado aquella sortida; e nada mais admiravel do que esse trecho de sua parte official: «porém, os commandantes das duas embarcações que vigiavam o inimigo, fizeram tão mal a sua obrigação que os inimigos fizeram-se á véla saíndo por entre as illhas sem que elles vissem; isto em uma noite serena e vento regular, em que elles podiam estar o mais proximo possivel das ditas illhas e não deviam saír os inimigos sem que elles o vissem; e, pela manhã, dando-me parte o official de quarto que não via os inimigos, subi acima e, a este tempo, passava pela pôpa da corveta a escuna *Alcantara*; e perguntando-lhe eu pelos inimigos, respondeu que os tinha visto dentro do porto; e então lhe disse que tinha feito muito mal a commissão de que o tinha encarregado, e lhe mostrei o inimigo que ia pela nossa pôpa em grande distancia».

Sem commentarios!

O chefe Rodrigo Lobo foi, então, substituido e mandado recolher preso ao Rio de Janeiro; porém, antes de passar a chefia da esquadra ao seu substituto, por não ter este chegado ao Rio da Prata, a armada brasileira soffreu ainda duas humilhações.

Uma dellas é o ataque levado a effeito contra a fragata *Imperatriz*, pela esquadra de Brown, dentro do proprio porto de Montevideo, onde se achava fundeada a nossa frota, ataque em que perdeu a vida o bravo capitão de fragata Luiz Barroso Pereira, commandante da fragata — o mesmo official que fôra immediato de Taylor na *Nictheroy*, na gloriosa expedição ás aguas lusitanas, em caça ao comboio portuguez que se retirára da Bahía; esse ataque é um triste attestado do valor da esquadra brasileira, que permittiu, por uma noite de claro luar, Brown entrar, com diversos navios, no porto em que estava fundeada, e tentar, durante mais de uma hora, apresar um dos seus vasos.

«Norton, com a *Nictheroy*, chegava em auxilio da fragata, mas já a esquadra de Brown fazia força de véla para salvar-se. Se toda a esquadra brasileira tivesse seguido o exemplo de Norton, a audacia de Brown teria sido castigada pela perda da sua esquadra; Norton, porém, era apenas o commandante de um unico navio». (1)

O combate de 3 de maio, em que o commandante da corveta *Maceió* é tão duramente atacado pelo chefe Rodrigo Lobo, que tambem lamenta não ter tirado da lucta o resultado que era de esperar, mostra ainda perfeitamente quão pouco valia, nesse tempo, a nossa esquadra na guerra.

Ao de 3, seguiu-se o combate de 11 de maio, e ali a audacia de Norton, independente de chefes ineptos, manifestou-se alliada á sua proficiencia.

O 25 de Maio, capitanea, e dois bergantins inimigos que ouzaram affrontar a nossa esquadra no porto de Montevideo, tiveram de procurar salvação na fuga, acossados pela *Nictheroy*, do commando daquelle official. Não deixa, porém, de causar estranheza que as quatro escunas que, com a *Nictheroy*, deixaram o porto para auxilia-la, não tivessem podido, durante trez horas e meia, que tantas durou o combate, se approximar do campo de acção, ou, siquer, atacar um dos bergantins inimigos, que havia ficado sotaventado.

Convém advertir que, quando o inimigo se approximou de Montevideo, o chefe que ali se achava á frente da esquadra, era o capitão de mar e guerra Pedro Nunes e não Rodrigo Lobo, que andava ao largo, com uma divisão.

Este ultimo retirou-se logo depois para o Rio de Janeiro, preso para ser submettido a conselho de guerra; este o absolveu dos grandes erros que cometera; não havia provas: foi a base da absolvição!

O chefe duma esquadra que bloqueiava o estuario do Prata e que, no entanto, permittia que o inimigo armasse corsarios que penetravam ou deixavam este estuario quando entendiam; o chefe que era surprehendido, dentro do porto em que estacionava sua esquadra, por forças inferiores; que deixava nessa occasião ser abordado, durante mais de uma hora, um só dos seus navios, sem lhe prestar soccorro; que poderia ter sido o causador da perda da colonia do Sacramento; que fazia abandonar, sem causa, um ponto estrategico do valor do de Martim Garcia; esse chefe era absolvido, por falta de provas que o criminassem!

Dir-se-ia que nasceu, então, essa licença implicita de commetter erros e crimes, essa irresponsabilidade com que se téem sempre acobertado as faltas dos nossos officiaes e, sobretudo, dos nossos chefes, impunidade que tem vindo até os nossos dias e que tem sido, em grande parte, causa do lastimavel estado a que chegámos.

Não se apuram responsabilidades; os crimes praticam-se e os criminosos ficam impunes. E, assim, o facto duma esquadra, que saíu do Rio de Janeiro em exercicios pelas costas, 70 annos depois da campanha cisplatina, e que se compunha do nosso primeiro navio de guerra, de algumas torpedeiras e de um cruzador, ter voltado a seu ponto de partida com todos os navios avariados, já nos cascos, já nas machinas por encalhes, abalroamentos, choques em pedra, devidos a facilidades culposas ou á ignorancia, e de não terem sido encontrados responsáveis por essas avarias todas; um facto assim, queriamos dizer, está

entro das normas adoptadas já naquelle epocha.

Mas; voltemos a 1826.

Rodrigo Lobo, comquanto inepto, edira, desde o inicio de sua chefia, lementos que julgava lhe garantiam a victoria. Não os obtivera, pasados seis mezes. Neste caso, se se patenteou a ineptia do almirante, tamem ficaram demonstradas a má vontade e a incapacidade de administradores que conservaram no commando uma esquadra, um chefe, sem lhe ornecerem o que elle dizia ser necessario ao successo da campanha. Ou emittil-o por exigencias demasiadas, nuteis, ou concederem-lhe o que media.

TONELERO.

(Continúa.)

(1) A. de Jaceguay e Olfveira Freitas, *Quatro seculos de actividade maritima.*

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Perigos dos raios X. — Esterilidade. — A proposição do congresso de Røentgen. — Intervenção dos governos.*

O professor Debove, decano da Faculdade, tratou na Academia de Medicina de Pariz, da applicação dos raios X, suscitando uma grave questão concernente aos interesses profissionais e sociaes, contestando que todos possam empregar aquelles raios como meio therapeutico. A radio-graphia já está nas mãos de pessoas que nenhuma noção téem desse novo ramo da medicina; mas a extensão dessa pratica, já demasiado generalisada, pôde provocar consequencias perigosas, porque téem dado resultados therapeuticos innegaveis, mas pôdem determinar varios accidentes, radio-dermites graves, escarros, etc.

Além disso, as experiencias em animaes téem demonstrado, evidentemente, que os raios de Røentgen matam o poder da procreação.

O caso é gravissimo, de transcendente importancia. Qualquer charlatão poderá esterilisar o cliente.

No congresso de Røentgen, reunido em Berlim de 30 de abril a 3 de maio ultimo, foi unanimemente votada a proposição seguinte:

«O emprego dos raios Røentgen no homem, é de exclusiva competencia do medico.»

A professor Debove solicitou a nomeação de uma commissão para examinar a questão e para se entender com os poderes publicos, afim de verificar si tem logar a perseguição legal, por uso indviduo da medicina, daquelles que, sem diploma medico, applicam os raios Røentgen ao diagnostico e ao tratamento. A moção foi appro-

vada por unanimidade, e nomeados para a commissão os drs. Debove, Brouardel, Motet, Gariel, Ponchet, Chauffard, Hanriot, Périer e Gueniot.

A Academia concluirá, como a commissão, pela interdicção do emprego daquelles raios pelos leigos.

Como consequencia dessa medida, será conveniente que os medicos se familiarisem com o emprego dos raios, cujo estudo e applicação téem estado, até agóra, entregues a alguns physicos e poucos medicos.

\* \*

*Personalidade multipla. — Caso de occultismo. — Hypothese do dr. Wilson e a composição da cellula pyramidal.*

Segundo o dr. Albert Wilson, o eu poderia subdividir-se em um certo numero de personalidades, dependentes do estado do corpo, nos differentes periodos da vida.

Resumindo os conhecidos trabalhos de Ferrier e outros physiologistas, sobre o cerebro e suas regiões correspondentes ás funcções da vida, do tacto, do ouvido, do movimento, Wilson emittit a hypothese de ser a cellula pyramidal composta de dez camadas, das quaes uma, por exemplo, corresponde á vida intellectual de 3 a 5 annos; outra, ao periodo de 15 annos; outra, ao de 20, e assim por deante. Essas differentes camadas corresponderiam, tambem, a outras tantas personalidades distinctas.

Não ha, ordinariamente, interrupção sensivel no character do mesmo individuo, porque a transição de uma personalidade a outra se opera gradualmente; mas si se realisam condições anormaes, morbidas, o individuo pôde ser subitamente levado aos actos, ás idéas, aos habitos de sua vida passada, com predominio de uma personalidade anterior, passando depois a outras, representando sempre o sangue um papel nesses estados morbidos.

A imprensa americana e a ingleza téem recentemente consigado factos muito curiosos, especialmente o de uma rapariga em que se reproduzem esses phenomenos das multiplas personalidades de maneira vidente.

\* \*

*A pevide das aves — A cura — A cirurgia das nossas donas de casa — Viva a gallinha com a sua pevide.*

Não ha, na opinião vulgar, molestia mais propagada em todos os quintaes do mundo, do que a pevide.

Todas as vezes que uma ave está doente, não come, se recurva e fica immovel num canto, as nossas donas de casa decretam uma operação, que consiste em abrir, á força, o bico da infeliz gallinha e arrancar-lhe, com um

alfinete, a ponta da lingua. Si ella morre, caso que acontece nove vezes sobre dez, o accidente é attribuido á operação mal feita.

Existe, com effeito, uma pevide verdadeira, resultante de uma inflammação da lingua, a glossite, extremamente rara, caracterisada pela presença, na extremidade da lingua, de uma pellicula secca, que a envolve como uma bainha e não é mais que a epiderme resequida em via de se destacar.

Deve-se-lhe auxiliar a eliminação; mas essa operação deve ser praticada sem tocar nas partes vivas e sem produzir sangue. Unta-se a lingua com uma gotta de oleo salgado, ou, então, lociona-se a mesma com uma solução de 5 % de chlorato de potassa. Esta loção feita com uma penna ou um pincel, basta para curar a ave, sem operação.

Ao lado da falsa pevide, existe a falsa dos gallinheiros, é muita gente vé a ponta da lingua das gallinhas invadida por um abcesso corneo e o elimina. Esta parte cornea é um attributo natural da lingua, como a unha do dedo; mutila-se a gallinha sem cural-a da molestia que possa ter.

A pevide é uma affecção ulcerosa contagiosa, cujo tratamento não consiste naquella mutilação, mas em supprimir o fóco da infecção com um palito liso, cauterisando-o depois com summo de limão, renovando esse tratamento até completa limpeza. Pôde-se substituir o limão pelo phenol.

E' bôa providencia isolar a gallinha doente num logar secco, bem arejado, sem correntes de ar.

A verdadeira pevide é uma especie de dipteria das aves, distinguindo-se da falsa pelas pelliculas esbranquiçadas da falsa, as quaes se destacam facilmente, ao passo que as placas amareladas da dipteria são extremamente adherentes.

As causas dessa molestia provém da falta de asseio dos gallinheiros, de agua estagnada ao sol nos bebedoiros, na qual nascem e se propagam os germens de todas as molestias.

E' util combater a errada opinião que mutila tantas aves, eliminando-lhes a parte cornea da lingua.

E' tanto o instincto popular tem a intuição dessa barbaridade que, entre nós, corre como rifão popular o salutar conselho: — viva a gallinha com a sua pevide.

*Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e do primeiro semestre de 1905.*

As officinas dos *Annaes*, dispondo de um material novo e moderno, encarrega-se de todo e qualquer trabalho typographico.

## O ALMIRANTE (40)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

## CAPITULO XVIII

Dolores annunciava, com muitas cautelas, como se revelasse um segredo de Estado, que o Governo Provisorio ia inaugurar os salões do palacio Itamaraty com um grande baile. Seria esse o meio de approximar delle a sociedade cariôca, por ventura não tranquillizada ainda das consequencias do grande abalo revolucionario. O marechal pretendia ser o centro do congrassamento dos homens eminentes, das familias mais respeitaveis, sempre confinadas ás affectuosas relações privadas e afastadas da côrte do Imperio, onde reinava uma perpetua paz de convento, uma silenciosa tristeza de laboratorio do monarcha sabio, evitando o rumor, o movimento, os contactos intimos com os seus subditos, mettido com os seus milhares de livros, dominado pela perenne preocupação de ser grande homem no exterior, uma especie de pharol a projectar ao longe irradiações luminosas, deixando no escuro o sitio em que se erguia solitario, melancolico.

O marechal tinha em mente evitar aquella monotonia, aquelle isolamento das alturas do poder; queria viver, como governo democratico, no amago do escól da sociedade para sentir-lhe o coração, observando-a de perto e bem governal-a, num perfeito accôrdo de idéas e sentimentos. O grande baile, uma festa deslumbrante, dissiparia as suspeitas e vincularia o governo e a sociedade pelos mais solidos laços affectuosos.

A senhora do marechal, a meiga e simples d. Marianna, pouco versada na etiqueta, já havia pedido a Dolores para ajudal-a a fazer as honras do palacio e velar para que nada faltasse ao esplendor da festa.

— Ha de ser um fiasco — observou Souza e Mello, que não perdia ensejo de malsinar os actos do governo — O marechal é um tarimbeiro que nunca frequentou a alta sociedade; não lhe conhece os habitos elegantes, nem isso é coisa que um sargentão aprenda da noite para o dia.

— Engana-se, meu caro — tornou Dolores — O marechal tem maneiras amaveis; concilia, admiravelmente, a rigidez do herôe com a elegancia do cavalleiro: é um typo de raça com perfeita intuição da vida nas alturas.

— E' um homem extraordinario — accrescentou Sergio de Lima — um homem de estrella, fadado para as grandezas: tem um encantador sorriso que acaricia e um fulminante olhar que empolga. No seu corpo, esbelto, erecto, dormem, envoltos em

musculos de aço, todas as energias da bravura indomita, dominando contornos correctos, que tanto se amoldam á farda, que é o traje da força, como á casaca, que é o revestimento da galanteria masculina. Além disso, todo elle irradia bondade; sente-se, junto delle, a doce impressão da proximidade de um grande, de um generoso coração.

— Você váe longe, meu caro collega — insistiu Souza e Mello, sublinhando as palavras com um traço de sarcasmo — Irá muito longe; subirá rapidamente, impellido por esse enorme entusiasmo pelo dictador, entusiasmo que deixa a perder de vista a paixão de Dolores pelo governo, que é, para ella, uma côrte celestial, um conjuncto de santos milagrosos, capazes de lhe promover o marido aos mais elevados postos da magistratura republicana.

— Não o diga brincando — replicou Dolores, melindrada — Não fará mais do que um acto de justiça, uma reparação da falta de consideração com que o governo imperial tratou um magistrado como o Dadá.

— Nada tenho a oppor. O seu illustre esposo merece muito e quem dá se parece com Deus pelas costas. Mas a generosidade do governo não o expurga das qualidades de origem, como estadistas improvisados nos quartéis.

— O senhor é cruel — observou Sergio.

— Não sou máu; sou um observador justiceiro. Não escureço alguns attributos bons no dictador, mas não lhe posso reconhecer traquejo de sociedade. Por isto, insisto em vaticinar que o tal baile será um fiasco. A sociedade cariôca é, na immensa maioria, monarchista; tributa ainda ao Imperador a homenagem do seu respeito, da sua saudade; não aceitará convites para essa festa, que será uma especie de consagração da obra nefasta de soldados rebeldes.

— Irá, affirmo-lhe eu, grande teimoso — replicou Dolores — Os convites serão solicitados por empenho. Lá estarão os altos funcionarios, os homens de talento, os representantes da nata do commercio e da industria, a flôr das mulheres formosas. O marechal tem verdadeiro fracò pelas moças bonitas.

— E' natural — concluiu o velho advogado — Marte sempre foi amigo da formosura. Olhe, a mim escusa convidar-me. Bem sei que não faço falta, mas não sou homem de actos contrarios ás convicções, ou que, de qualquer modo, dê a entender concordar com essa moxinifada que ali está com ares de governo democratico. Aqui da nossa ródá, ninguem irá. Começando pelo conselheiro.

— Nós não somos ingratos — atalhou d. Eugenia — Meu marido é um

homem publico dos mais notaveis. A politica não o removeu do seu posto eminente, nem lhe amesquiou os sentimentos. E quem está nas altas regiões tem deveres indeclinaveis, como o de corresponder á justiça, á gentileza do governo.

— Está vendo? — exclamou Dolores, triumphante — Isto é que é falar com o coração, com franqueza e patriotismo.

— Eu desejaria muito — acudiu Laura — ver o palacio, aquelles salões bonitos. Eu nunca estive num baile...

— Estréará mal — observou Souza e Mello.

A marquezia ouvia, complacente, o que se dizia sobre a futura festa e não revelava, pelo menor signal, a sua opinião. O conselheiro, que delegára, absolutamente, á esposa as attribuições de deliberar, parecia immerso em profunda meditação, como se fôra estranho á discussão, ou occultasse o seu vexame ante as invectivas do advogado ao governo.

Dolores fruia os resultados da sua victoria e affirmava a Souza e Mello que d. Eugenia pensava como a melhor gente do Rio de Janeiro, gente sensata que não hesitaria em acceitar aquella honra que o governo imperial nunca lhe déra. E mencionava as familias de maior nota que se preparavam para a esplendida festa. Já estavam encomendados os luxuosos vestidos; já se falava, á puridade, naquelle acontecimento que seria muito mais deslumbrante que o baile da Ilha Fiscal, de triste memoria.

Nesse momento, uma creada se approximou da marquezia e lhe falou reverentemente, indicando a sala da entrada. E, antes que a marquezia respondesse, surgiu, á porta da magnifica sala em que se realisavam as recepções intimas, uma figura estranha que atraíu, numa expressão de pasmo, todos os olhares.

— Com o perdão de v. ex. — disse o Gião, inteiramente transformado no traje de um burguez rico, dentro de uma ampla sobrecasaca que lhe descia aos joelhos, o ventre abaúlado sob um colete de côres vivas, no qual reluzia uma pezada corrente de ouro.

— Gião! — exclamou a marquezia, reconhecendo, sob aquelle novo aspecto, o seu antigo feitor.

— Desculpe-me, v. ex. — tornou o feitor, com maneiras humildes — Cheguei pelo nocturno e, mal me desvencillei da pocira alli no quarto do primo Sebastião, vim receber as suas ordens. Disseram-me, na colonia, que a patrôa... quero dizer que v. ex. estava doente e então eu aproveitei a primeira folga para dar um pulo até aqui. Sempre é uma difficuldade abalar-se um homem daquellas brenhas... Brenhas é um modo de falar. Se v. ex. lá voltar, não reconhecerá a sua colonia.

O demonio do americano é um homem a valer. Depois que o negocio passou para a companhia, continuou os trabalhos e agora é um movimento que só visto. Aquillo já é uma cidade, com um commercio extraordinario. E toda aquella gente não cessa de abençoar a sua protectora; vive com o nome da senhora marquezia na bocca...

— Lembra-se, então, de mim? — perguntou a marquezia, enternecida.

— Quem pôde esquecer aquella que nos deu trabalho, meio de vida, a santa que fez o milagre de fundar a colonia *Isabel, a Redemptora*? Eu lhe peço perdão, senhora marquezia, pelo muito que desconfiei do resultado daquillo que era, para mim, uma verdadeira loucura de gastos de dinheiro e trabalho perdido.

— Vivem felizes, não é verdade?

— Felizes? Ninguém se queixa, principalmente depois da construção da estrada de ferro com que o doutor engenheiro ligou a fazenda á estação do governo. Se vossa excellencia lá voltasse, ficaria surprehendida do progresso.

— E' bem possivel. Que dizes Hortencia? Se nós fôssemos passar uns dias na roça?...

— Seria uma bella excursão — respondeu Hortencia, alegremente. Que bella idéa! Levaremos Laura...

— E' sómente affrontar o incommodo da viagem — observou Gião, aproximando-se da marquezia — O palacio está um brinco, conservado como vossas excellencias o deixaram: tudo nos respectivos logares para recebê-las a qualquer hora. Eu não consinto que se toque numa cadeira, trago as chaves commigo e eu mesmo arrumo e limpo tudo todas as semanas. Aquillo é para mim sagrado como uma igreja. Quando alli entro, parece que a minha adorada patrão, que vossa excellencia alli está em espirito.

— Muito bem, Gião. E os negocios?

— Os negocios vão muito bem, graças a Deus. Ao principio custou, como vossa excellencia viu; depois, foi tudo entrando nos eixos... A gente está satisfeita. A não ser a politica, uma intrigalhada, que é um Deus nos acuda. O governo elevou o nucleo á villa e foi, então, uma lucta entre aquelles fidalgos que vossa excellencia conhece: queriam todos para si, para os seus servos e capangas, as melhores posições. Mas fôram barrados, porque o governo, vendo que elles se não harmonisavam, nomeou-me, a mim, subdelegado...

— A você? — exclamou a marquezia.

— Protestaram porque eu sou portuguez, mas tiveram de ceder. Eu estava naturalizado, era o homem mais conhecido do logar e, aqui para nós, de maior influencia pelo commercio. A maior parte daquelles ri-

casos está lá na minha burra. E como eu era o capitalista da terra, o governo deu-me ainda mais a patente de tenente-coronel da Guarda Nacional.

— Tenente coronel! — exclamaram todos.

Gião assumiu uns ares de importancia, concertou o collete e confirmou:

— Sim, senhores, tenente coronel. Os meus adversarios politicos damnaram quando me apresentei, na igreja, fardado, com o meu estado maior luzido e com alguns guardas bem uniformizados. Custou-me a brincadeira os olhos da cara, mas não havia outro meio de sustentar a minha posição social. Afinal, o padre Paulo, um amigo como poucos, foi convencendo aquella gente de que o poder era o poder... que era preciso sujeitarem-se ás circumstancias, que Republica era isso mesmo.

— Muito bem! — exclamou Souza e Mello — Grande verdade: a Republica é isso mesmo...

— O padre é o meu braço direito — continuou Gião — Quando estou apertado com essa trapalhada de leis e codigo do processo, recorro a elle, que me resolve as difficuldades em duas pallietadas. Que santo homem, o nosso padre Paulo!... Só eu e elle podemos com a canalha de italianos que ficaram espalhados pela redondeza e provocam, de vez em quando, um conflicto. Nos domingos, é aquella certeza: vêem á villa, mettem-se no paraty e temol-a travada. Não ha remedio senão metter alguns no calabouço que eu mandei fazer no logar em que existia antigamente o curral das vaccas. Sem cadeia, não se pôde governar.

— E o doutor Sumer? — inquiriu a marquezia.

— O doutor vive com os seus livros e as suas pesquisas para descobrir minas, numa riqueza que elle julga encerrada naquella terra. O homem é um moiro para o trabalho e, nas horas vagas, visita a probreza curando os enfermos que, felizmente, são raros naquellas abençoadas paragens. Abaixo de Deus, é elle a providencia daquella nossa gente, que lhe quer devêras. E' pena que elle não queira entrar para a politica: nós o faziamos deputado. Bastava que o coronel Gião quizesse...

Não é por me gabar. Bem sabe vossa excellencia que não sou homem de basofias; mas tenho, graças a Deus, muitos amigos que me acompanham em todos os terrenos. Ah, senhora marquezia, seria uma satisfação geral se vossa excellencia lá apparecesse para matar saudades á nossa bôa gente, que não a esquece um momento, assim como a menina Hortencia. Quando eu estava para tomar o trem, onvia de todos os lados: respeitos á senhora marquezia, saudades á menina Hortencia, que não suspeitam

transformada nesse mocetão, formosa como uma imagem. Que ventura para nós vermos a nossa bemfeitora naquella terra que será sempre sua, muito sua, enquanto lá mandar o Gião!

— E' possivel, é possivel — observou a marquezia, sorrindo — Quem sabe se o ar do campo não será o melhor remedio para os meus males?

— Basta avisar-me pelo telegrapho. Vossa excellencia terá uma recepção de princeza, como merece. Eu só vim tratar de uns negocios; voltarei dentro de alguns dias, levando a feliz novidade... Ah, senhora marquezia, quando me lembro que eu era um estúpido, que não entendia o plano de vossa excellencia e andava a murmurar contra elle, tenho vergonha de mim mesmo. Que dura cabeça era a minha naquelle tempo. Caíram-me, felizmente, as escamas do olho e, agora, vejo tudo claro. Que grande empresa, que bello negocio! Se continuar assim, aquillo será um paraíso para os pobres, para os trabalhadores. Pobres? Não ha lá mendigos; não ha ninguém necessitado. A terra dá tudo com fartura a quem não tem preguiça.

E Gião contava como se enchiam de plantação os campos, as encostas das montanhas, cobertos de milhares, de immensos cannaviaes, estendendo-se a perder de vista, como um verde mar ondulado quando os agitavam as ventanias, de pomares carregados de fructas saborosas, as campinas ladeando o rio, cheias de rebanhos fecundos e, no meio de tudo, a usina sempre empennachada de espesso fumo, rugindo, respirando como um monstro, a transformar, numa faina continua, o precioso producto da terra maravilhosa. E por toda a parte, no céu, na terra, no coração da gente, estava, como um anjo da guarda, a imagem da fundadora da colonia, a santa marquezia de Uberaba, vigiando a sua generosa criação.

A marquezia estremecia num arrepio de ternura e murmurava ao conselheiro:

— Esses, ao menos, não são ingratos.

E o refractario Souza e Mello, voltando-se para Dolores, recommendou-lhe:

— Não esqueça um convite para o tenente-coronel Gião. A Republica é isto..

(Continúa)

Do nosso eminente collaborador, prof. Dias de Barros, temos um longo artigo intitulado *As poeiras e os damnos que ellas pôdem causar*. O titulo está bem significando o assumpto interessante, actual, desse trabalho que publicaremos, na integra, no proximo numero dos *Annaes*.

## APONTAMENTOS

PARA UM DICIONARIO DE CELEBRIDADES

BARRETO (Paulo) dit João do Rio, illustre escriptor pariziense, que pensa os seus artigos em francez e escreve-os, *malgré lui*, nesta barbara lingua portugueza, uma lingua *qui ne coule pas*. E' um infante de prodigioso talento. Vive embrenhado em feitiços e religiões, e sabe fazer viver da fina poesia do seu estylo *souple*, uns interiores estupidos e fedorentos de negros lombrosianos. Deu a essa tropa de reporters burocraticos uma lição magistral, com os seus *interviews* imprevistos. Implantou entre nós a arte do jornalismo. Faz critica do theatro e de pintura: admira a elegancia do feissimo sr. Christiano de Souza e a dicção da sra. Lucinda; detesta os actores italianos, pelo defeito de não fallarem francez; consagra, commovido, a finura docemente canalha de mme. Réjane e o estylo amplamente gaulez das tiradas de mr. Coquelin. A sua critica d'arte é muitas vezes divina: a intelligencia o vale sempre, nas suas mais audaciosas affirmações.

Em toda a obra litteraria do sr. Barreto, passa, entretanto, nu sopro subtil de scepticismo... *Les italiens, les français, le journalisme... il s'en fiche*. O sr. Barreto escreve um bello periodo, com o mesmo ar faceiro e *blasé* que lhe vem á face, ao pregar uma rosa fresca na *boutonnière*.

Não possui talvez a paixão profunda da Arte. Que importa! Tem uma intelligencia forte e altiva, tem gosto, e é distincto — é um pariziense *chauffé par ce grand diable de soleil brésilien*. *V'la!*

\*  
\*\*

ROZA E SILVA, (Francisco de Assis) senador da Republica, hourado adhesista ao novo regimen, margrave do feudo pernambucano, domador do, em outro tempo, feróz Leão do Norte. O emerito sr. Roza é a Bella Adormecida no bosque da politica nacional... Qual o principe encantador que irá despertar do seu mutismo lendario — e pratico — essa princeza que sonha? O sr. Bernardino, com o reflexo cheio de amavios dos seus olhos negros? O sr. Campos Salles, com a vivacidade dos seus sessenta annos de vello gamenho? O sr. Ruy, na falta de dotes physicos, com a belleza deslumbrante do seu talento? O sr. Affonso Penna, com o seu arsinho lastimavel de *jahó* molhado? Todos estes cantam em volta da Adormecida, a canção seductora que ha de fazer essa noiva, dotada de oitenta mil votos, cair nos braços do preferido.

Tenham mais cuidado e malicia os Adoradores. A Bella Adormecida

está dormindo muito menos que se suppõe. Ouve, com ouvido intelligente, as arias que a procuram seduzir, e mesmo adormecida, anda preparando o improviso patriotico com que se lançará aos braços do mais feliz dos seductores. Será o funebre sr. Bernardino de Campos? O petulante sr. Campos Salles? O platonico sr. Ruy Barbosa? O desengraçado sr. Affonso Penna? Talvez nenhum dos quatro...

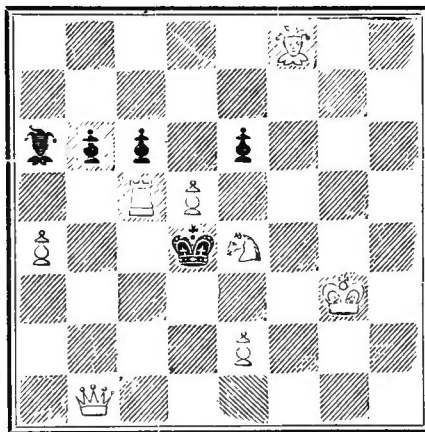
PEDRO INNOCENCIO.

## DIVERSÕES

XADREZ — PROBLEMA N. 10

Joel Fridlitzins (Gotoborg)

PRETAS (5)



BRANCAS (8)—Mate em tres lances.

PARTIDA N.º 10

GAMBITO ALLGAIER-THOROLD (a)

Branças	Pretas
(Hartewig)	(Amador)
P 4 R	— 1 — P 4 R
P 4 B R	— 2 — P × P
C 3 B R	— 3 — P 4 c R
P 4 P R	— 4 — P 5 C
C 5 C	— 5 — P 3 T R
C × P B	— 6 — R × C
P 4 D	— 7 — P 4 D
B × P B	— 8 — C 3 B R
C 3 B	— 9 — C 3 B
B 5 C D	— 10 — B 2 C (b)
Roque	— 11 — R 3 C (c)
P × P	— 12 — C R × P
B × C	— 13 — P × B
D 3 D x	— 14 — R 4 T
C 2 R	— 15 — T 1 B (d)
B 5 C!	— 16 — P × B
D 7 T x	— 17 — B 3 T
C 3 C x	— 18 — R × P
D × B x	— 19 — R × C
D 2 T mate	— 20 — —

(a) Esta bella partida foi, ha annos, jogada em Chemnitz, Saxonia.

A sua abertura pertence á enorme e brilhante familia dos gambitos do rei, tão fecundos em partidas admiraveis pelo vigor, pela audacia, pela elegancia, e, não raro, pela violencia. Os gambitos do rei dividem-se em duas grandes classes principaes: gambitos do cavallo do rei, e gambito do bispo do rei. Caracterisa-se do gambito do rei em geral pelo 2.º lance P 4 B R; e, em particular, o do bispo pela saída desta peça no 3.º lance a 4 B D; e do cavallo pela saída deste a 3 B R.

A defesa classica a este 3.º lance de C 3 B R é P 4 C R. O 4.º lance dos B P 4 T R,

combinado com o 5.º—C 5 C R—dá o gambito Allgaier, que se continúa do lado dos B. por C × P B, a que respondem os P. forçadamente tomando o C com o R. Walker e o principe Ouroussoff recommendam para o 7.º lance B 4 B D x, que dá uma boa continuação para o ataque; Thorold preconisa o lance do texto P 4 D e deu o nome a esta variante, justamente com Allgaier, que aliás, não é propriamente o inventor deste gambito, que se joga desde Philidor, mas que o adoptou com ardor e o julgava invencivel.

Kieseritzky modificou o Allgaier no 5.º lance por C 5 R, evitando o sacrificio do cavallo, que, atacado, se póde retirar. Esta variante é considerada preferivel a C 5 C, mas as respostas de defesa são multiplas: Paulsen adoptou B 2 C R para o 5.º lance dos P, que, na opinião de Von der Lasa, constitúe uma defesa efficaz; Polerio recommenda B 2 R; Morphy—P 4 D. E ha, ainda, subvariantes para cada uma dessas variantes.

Em geral, os gambitos são perigosos entre os jogadores de força equal.

Uma defesa correcta inutilisa as vantagens adquiridas com o sacrificio. Mas, por isso mesmo que a defesa deve ser impecavel, é commum que os gambitos dêem excellentes resultados, já não falando que dão origem ás partidas mais scintillantes e variadas. Em particular, o gambito do rei e especialmente o Allgaier é dos mais formosos, mas tambem dos mais arriscados.

Nesta partida, os lances 9, 10 e 11 dos P., por serem fracos, acarretam a ruina immediata e irremediavel do amator adversario de Hartewig.

(b) Seria muito preferivel B 2 R.

(c) A posição dos P já é quasi iusustentavel. Se o R não se move, os B. avançam o sen P R e ganham forçosamente uma peça.

(d) E' a agonia. Se 15... C × B; 16—C × C x, R × P; 17—P 3 C x, R 4 C; 18—D 6 C mate. Se 15... C 5 C; 16—C 3 C x, R × P; 17—D 6 C, B × P x; 18—R 2 T, D 1 R; 19—C 5 B x, B × C; 20—P 3 C mate.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 9: 1—C 6 T, ad libitum; 2—T, B, C, P (fazendo D) mate.

JOSÉ GETULIO.

Uma revista methodista publicada no Japão, o *Gokyo*, publicou um vasto inquerito sobre as relações entre os japonezes convertidos e a religião christã, no qual, excluidos os membros do clero, se póde apprehender o estado da mentalidade das classes instruidas.

As respostas a esse inquerito, confirmam a opinião corrente na Europa, e parece dar razão ao juizo do velho Bismark japonês, o Marquez Ito, sobre a alma dos nippões: «Os japonezes formam o povo mais atheu do mundo».

Todos aquelles que responderam ao questionario, homens convertidos, que, na ordem normal das coisas, deveriam ter ardeute fé e convicções intactas, consideram a religião em geral e a christã em particular, a mais diminuta das suas preocupações. Os mais letrados allegam o argumento de Comte—que a phase theologica identificada por elles com a religiosa, é a primeira na evolução moral e intellectual de um povo—tendo o Japão entrado na terceira phase—a scientifica—em que a religião não tem mais lugar.

O dr. Takagi, encarregado de começar o inquerito, se consola pensando que a incredulidade e a indifferença se referem antes ás egrejas christãs que ao sen Salvador, aos seus representantes sobre a Terra, ou, como dizia Lavedan, aos mercadores de eternidade.